

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
ESCOLA DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES E HUMANIDADES
CURSO: BACHARELADO EM TEOLOGIA**

ORIENTANDA: LUCIMAR MÁRCIA DOS SANTOS GINO

SACRAMENTO DA CONFIRMAÇÃO: APROFUNDAMENTO DOS DONS

**GOIÂNIA
2021**

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
ESCOLA DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES E HUMANIDADES
CURSO: BACHARELADO EM TEOLOGIA**

ORIENTANDA: LUCIMAR MÁRCIA DOS SANTOS GINO

SACRAMENTO DA CONFIRMAÇÃO: APROFUNDAMENTO DOS DONS

Monografia apresentada ao Curso de Teologia da Escola de Formação de Professores e Humanidades da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, como um dos requisitos para obtenção do grau de Bacharelado em Teologia.

Orientador: Professor Me. Pe. Mauro Francisco dos Santos

**GOIÂNIA
2021**

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
ESCOLA DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES E HUMANIDADES
CURSO: BACHARELADO EM TEOLOGIA**

ORIENTANDA: LUCIMAR MÁRCIA DOS SANTOS GINO

SACRAMENTO DA CONFIRMAÇÃO: APROFUNDAMENTO DOS DONS

Monografia apresentada ao Curso de Teologia da Escola de Formação de Professores e Humanidades da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, como um dos requisitos para obtenção do grau de Bacharelado em Teologia.

APROVADA EM ____ DE _____ DE 2021

BANCA EXAMINADORA

Professor Me. Pe. David Pereira de Jesus

Professor Me. Pe. Mauro Francisco dos Santos

Professor Me. Pe. Sílvio Rogério Zurawski

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a todos os meus familiares, aos meus irmãos do Grupo de Oração “Deus é a Luz” que comigo caminharam nos momentos turvos da minha vida, sempre exercitando a paciência e a caridade, sendo os braços, o colo e as mãos de Deus para mim nas adversidades que vivi e que tenho buscado vencer a cada dia.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pelo dom da vida, pela força e ousadia dadas a mim durante este curso e durante toda a minha vida.

Agradeço a todos os meus familiares pelo apoio, compreensão e pela parceria sempre fiel e certa.

Agradeço aos meus colegas de trabalho que me incentivaram e apoiaram na decisão de voltar a estudar mesmo diante de todas as dificuldades e desafios.

Agradeço aos meus professores pelo apoio e compreensão dedicados a mim nestes anos, principalmente os primeiros anos que exigiram adaptação ao meu estado de saúde.

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo aprofundar no conhecimento do Sacramento da Confirmação: Aprofundamento dos Dons a partir das Sagradas Escrituras, da Sagrada Tradição e do Sagrado Magistério com o intuito de compreender a origem e a evolução da prática deste Sacramento, sua eficácia, valor espiritual e teológico, bem como sua dimensão pastoral. O pensamento se organizou em três capítulos, sendo o primeiro uma contextualização acerca da Teologia Sacramental, o segundo um estudo do sacramento da Confirmação e o terceiro e último capítulo uma relação daquilo que é o ideal e o real em sua prática pastoral.

Palavras-chave: Sacramentos. Igreja. Salvação. Comunhão.

ABSTRACT

This work aims to deepen the knowledge of the Sacrament of Confirmation; Deepening of the Gifts from the Sacred Scriptures, Sacred Tradition and the Sacred Magisterium in order to understand the origin and evolution of the practice of this Sacrament, its effectiveness, spiritual and theological value, as well as its pastoral dimension. The thought was organized into three chapters, the first being a contextualization of Sacramental Theology, the second a study of the sacrament of Confirmation and the third and last chapter a relation between what is the ideal and what is real in its pastoral practice.

Keywords: Sacraments. Church. Salvation. Communion.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1 TEOLOGIA SACRAMENTAL, O QUE ELA ENSINA?	12
1.1 O HOMEM EM UM MUNDO DE MUITOS SIMBOLISMOS	12
1.2 A COMPREENSÃO DA IGREJA SOBRE OS SACRAMENTOS	14
1.2.1 Sacramento: conceito e eficácia	15
1.2.2 Fundamentos Bíblicos	18
1.2.2.1 A ação do Espírito nas Sagradas Escrituras	19
1.2.2.2 Pensamento Sacramental no Antigo Testamento	21
1.2.2.3 Pensamento Sacramental no Novo Testamento	23
1.2.2.4 Sacramentos e algumas pontuações da Patrística	25
1.3 O CONCÍLIO DE TRENTO (1543-1563)	28
1.3.1 O número dos Sacramentos	30
1.4 O CONTEXTO TRINITÁRIO DOS SACRAMENTOS	33
1.5 O CONTEXTO ESCATOLÓGICO DOS SACRAMENTOS	35
2 SACRAMENTO DA CONFIRMAÇÃO	37
2.1 A EVOLUÇÃO HISTÓRICA DO SACRAMENTO DA CONFIRMAÇÃO	41
2.2 O SACRAMENTO DA CONFIRMAÇÃO NO CATECISMO	46
2.3 JESUS, O UNGIDO DO PAI.....	53
2.4 OS DONS DO ESPÍRITO SANTO	54
2.4.1 Conceito de Dons	57
2.4.2 O número, a natureza e a necessidade dos Dons	61
2.4.3 A classificação dos Dons	64
2.4.3.1 O dom do conselho	65
2.4.3.2 O dom da piedade	67
2.4.3.3 O dom da fortaleza	68
2.4.3.4 O dom de temor	70
2.4.3.5 O dom de ciência	71
2.4.3.6 O dom do entendimento (inteligência).....	72

2.4.3.7 O dom da sabedoria	72
3 MATURIDADE DA VIDA PASTORAL	75
3.1 A CELEBRAÇÃO E O RITO DA CONFIRMAÇÃO	75
3.2 OS PADRINHOS	80
3.3 A MISSÃO DOS CRISMADOS	81
CONSIDERAÇÕES FINAIS	86
REFERÊNCIAS	88

INTRODUÇÃO

Tendo em vista a grande missão da Igreja de Evangelizar e apascentar as ovelhas de Jesus, como ele mesmo ordenou, ao dirigir-se a Pedro, se faz necessário uma profunda reflexão acerca dos Sacramentos, sinais sensíveis da Graça de Deus que atua na Igreja, por meio dos seus pastores. Apesar da grande procura pelos sacramentos, muitos cristãos católicos ainda não possuem consciência do significado de cada sacramento, e às vezes vão buscá-los para si ou para os seus mais por uma realização cultural, social que por uma atitude de fé propriamente dita, o que ocasiona infelizmente o afastamento dos catequizandos tão logo recebam os sacramentos.

Nesta monografia, aborda-se o Sacramento da Confirmação (considerado o Sacramento da maturidade cristã), sua eficácia, a importância de recebê-lo e de conhecê-lo, para que a confirmação do Batismo possa ser algo frutuoso na vida do confirmado e na vida da Igreja, a qual conta com o testemunho cristão de cada um de seus membros, para um testemunho autêntico de vida aos moldes do evangelho.

É notório que a Igreja, como mãe atenta a esta necessidade de formação e pastoreio, tem buscado formar as pessoas (tanto as que chegam em busca dos sacramentos quanto aquelas que já servem e participam de algum modo das diversas pastorais e movimentos) e também tem elaborado documentos, encontros de reflexão e estudo acerca da fé professada, bem como refletir o que já foi alcançado e ainda o que deve ser feito ou mesmo o que deve evitar fazer, para que o alcance da sua voz seja cada vez mais atraente e eficaz. É claro que o alcance ainda não é satisfatório, mas a Igreja tem buscado fazer a sua parte realizando a sua missão.

Neste trabalho visita-se diversas fontes, na busca por reunir informações preciosas e precisas sobre o sacramento da Confirmação, considerando sua evolução histórica no modo de compreendê-lo e celebrá-lo, a partir dos ensinamentos das Sagradas Escrituras, do Sagrado Magistério da Sagrada Tradição e dos Santos Padres, compreendendo sua prática na atualidade e os desafios da Igreja em torno do mesmo, no âmbito pastoral e testemunhal da fé e, assim, constatar se o modo como os catequizandos têm recebidos o Sacramento da Confirmação, tem demonstrado satisfatório quanto ao nível de maturidade espiritual,

alcançado no encerramento do período de preparação e ainda os efeitos práticos na vida pastoral, onde os mesmos estão inseridos.

Este trabalho oferece uma breve contextualização acerca da Teologia Sacramental e, assim, apresentará uma visão geral sobre a origem, eficácia e o seu valor teológico para a Igreja, o que será o conteúdo do primeiro capítulo. No segundo capítulo, o Sacramento da Confirmação será aprofundado nos aspectos já citados acima, fazendo um caminho para compreensão da sua evolução, até chegar a concepção e a prática atual. O terceiro e último capítulo, se concentrará na busca por relacionar o que foi estudado com a realidade pastoral, reconhecendo aquilo que tem sido legítimo e deve ser conservado na prática, mas identificando o que precisa, ainda, apesar do esforço da Igreja, de ser melhorado, para que tudo que diz respeito ao mesmo seja realizado de modo autêntico e em unidade com o que ensina a Mãe Igreja.

1 A CONFIRMAÇÃO NA TEOLOGIA SACRAMENTAL

Apesar do grande esforço da Igreja, em esclarecer e formar seus fiéis acerca do autêntico sentido da celebração dos Sacramentos, é visível que esta missão precisa ser continuada ardentemente, para que a consciência sacramental seja de tal modo capaz de propiciar uma vivência mais amadurecida da fé no contexto eclesial.

Não foi somente no período da cristandade que a importância e a eficácia dos Sacramentos foram confundidos com atitudes mágicas, o que muito se distanciava dos verdadeiros efeitos dos mesmos. “Os sacramentos cristãos, ainda hoje, são objetos de mal-entendidos”.¹

Em sua obra, *Os Sacramentos da Igreja Católica*, Urbano Zilles aborda que o caminho de conscientização, percorrido ao longo da história da Igreja, já apresenta importantes progressos, no modo como os fiéis buscam pelas celebrações sacramentais, mas ainda não suficientes nem mesmo concluídos (e nunca serão), pois a missão da Igreja é ininterrupta e, até a grande Parusia, ela deve continuar firmemente anunciando e tornando o Evangelho de Jesus conhecido e reconhecido por todos, (o que se passa pelos Sacramentos, afinal, não há cristianismo sem eles). A partir de uma ação estimuladora, ativa e própria da sua natureza, “à Igreja cabe ser sinal de uma humanidade nova”² por isso, faz parte da sua natureza ser fermento de inquietude, não um calmante. Ela tem uma missão para fora, no mundo.

1.1 O HOMEM EM UM MUNDO DE MUITOS SIMBOLISMOS

O homem é um ser capaz de ler os inúmeros sinais do mundo e não precisa ser muito culto para identificar na natureza, por exemplo, o tempo do calor e da chuva aproximando, a partir de sinais do vento e das mudanças nas plantas e o próprio Jesus chama atenção a esta capacidade³ (Mt 24,32-33; Lc 12,55). Mais do

¹ BELLOSO, Josep M. Rovira. *Os sacramentos: símbolos do Espírito*. São Paulo: Paulinas, 2005, p.11 (Coleção sacramentos e sacramentais).

² ZILLES, Urbano. *Os sacramentos da Igreja Católica*. 2. ed. Porto Alegre: EdiPUCRS, 2001. p. 43.

³ *BÍBLIA, de Jerusalém. Nova edição revista e ampliada*. São Paulo: Paulus, 2002.

que isto, o homem, diante das diversas mensagens e linguagens, “no efêmero pode ler o Permanente; no temporal, o Eterno; no mundo, Deus”.⁴

A partir desta leitura desvelada, é possível se pensar o conceito de Sacramento como um sinal de Deus, Eterno e Permanente, que se revela e se deixa ser encontrado a partir de realidades humanas, capazes de alcançar o homem em sua finitude e em suas limitações. Toda realidade é nada mais que um sinal da existência e da ação de Deus no mundo, nas pessoas e em tudo o que há. Ele se comunica ao homem de diversos modos, dentre eles por linguagens humanas, onde se situam os sacramentos que, desde o início do cristianismo, fizeram uso de práticas rituais, nas quais se inserem os Sacramentos.

O símbolo não se limita apenas a assinalar mentalmente a realidade espiritual, mas o espiritual é transmitido pelo símbolo. Poderíamos dizer que o espiritual se abaixa e antecipa na cotidianidade humana, precisamente através do símbolo.⁵

Para o Cristianismo, o símbolo media a transcendência de Deus e a nossa condição histórica e humana, se pondo assim como um meio de Deus comunicar-se ao homem, logo o símbolo é um tipo de linguagem que possui, como toda linguagem, suas limitações e busca situar-se no hoje, rememorando o passado e antecipando o futuro.

O sentido de comunicação do símbolo tende mais para uma comunicação de comunhão e a realidade por ele evocada supera o tempo. Há neles um dinamismo afetivo/efetivo que influencia e possibilita a comunicação do homem com Deus, o que pode promover também um avivamento na relação dos homens entre si. O símbolo do batismo, por exemplo, promove a abertura para a comunicação com Deus, ao seu conhecimento e a graça vivenciada.⁶

As ações de Jesus foram marcadas por muitos simbolismos, tanto em suas ações a favor dos pobres, como meio de justiça social, quanto ao demonstrar como deve ser a vivência do amor como participantes da sua Igreja, como seus discípulos. “Uma série de símbolos vividos por Jesus Cristo com seus discípulos dá lugar ao

⁴ BOFF, Leonardo. *Os Sacramentos da Vida e a Vida dos Sacramentos*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1975. p. 9.

⁵ BELLOSO, 2005, p. 35.

⁶ BELLOSO, 2005, p. 135.

‘modelo’ e ao conteúdo das reuniões sacramentais da Igreja”.⁷ Não foi pela força do acaso que Jesus foi batizado por João, mas quis Ele descer às águas do Jordão para purificá-las, para dar ao homem o exemplo e para que o velho Adão pudesse ser regenerado. O seu batismo demonstra o rasgar dos céus promovida pela presença de Jesus encarnado, possibilitando que a força do alto, ou seja, o Espírito Santo fosse derramado posteriormente sobre o homem.

O símbolo pode ser visto de diferentes modos, dos quais se destacam neste estudo o antropológico e o teológico. Do aspecto antropológico, se reconhece que há no homem uma abertura à transcendência, que consiste na interseção da inteligência, da sensibilidade e da sua capacidade de amar, esse ponto de encontro, Ratzinger, afirma Belloso, denomina de coração: “Coração significa, na linguagem da Bíblia, o centro da existência humana, a confluência da razão, da vontade, do temperamento e da sensibilidade, centro no qual a pessoa encontra sua unidade e sua orientação”.⁸ É neste contexto que o símbolo media a comunicação de Deus com o homem.

A análise do símbolo, do ponto de vista antropológico, demonstra que a realidade divina, que sempre supera a capacidade do homem de acolher a comunicação de Deus, se esconde no sacramento, o qual é tão precioso, humilde e eficaz.

1.2 A COMPREENSÃO DA IGREJA SOBRE OS SACRAMENTOS

O Espírito Santo inaugura em Pentecostes um novo tempo, tempo em que a Igreja é manifestada ao mundo, tempo em que Cristo fará a dispensação dos seus mistérios por meio dos Sacramentos ao longo do tempo. A Igreja é convicta do valor e da finalidade destes Sacramentos, por isto durante toda a história buscou salvaguardar o sagrado que se manifesta nestes sinais, que são realizados pela Igreja e confirmados pelo próprio Cristo, na pessoa do ministro celebrante. No capítulo terceiro da Constituição *Sacrosanctum Concilium*, a finalidade destes importantes sinais é explicitada:

⁷ BELLOSO, 2005, p. 136.

⁸ BELLOSO, 2005, p. 56. Apud. RATZINGER, *Comentário teológico*. In: Congregação para a Doutrina da Fé, *A mensagem de Fátima*, São Paulo, paulinas, 2000, p. 53.

Os Sacramentos destinam-se à santificação dos homens, à edificação do Corpo de Cristo e, enfim, a prestar culto a Deus; mas, como sinais, têm também a função de ensinar. Não só supõem a fé, mas por meio de palavras e elementos rituais, também a alimentam, fortificam e exprimem, razão pela qual se chamam sacramentos da fé.⁹

Agraciados com os Sacramentos, os fiéis são preparados para uma melhor vivência da fé, da caridade e da vontade de Deus, o que se dá por meio da abertura do fiel e não por um ato mágico, inconsciente e infrutífero. É a ação divina em encontro à disposição de fé do fiel. A eficácia dos Sacramentos é incontestável, mas quanto mais o homem se abre a Deus, mais poderá mergulhar em sua graça e misericórdia e assim colher os frutos de uma vida sacramental. “O sacramento é uma consequência de uma adesão à proposta do Reino, vivida na Igreja. Nosso crescimento da fé é permanente; os sacramentos alimentam esse processo e têm consequências na vida”.¹⁰

O conceito que se tem dos Sacramentos foi construído ao longo do tempo e seu modo de dispensá-los também, o que favoreceu modificações e ajustes, de modo lento, mas positivos e que dá à Igreja características próprias e até distintas no rito, ao relacionar, por exemplo, a Igreja do Oriente e a Igreja Latina.

1.2.1 Sacramento: conceito e eficácia

Schneider afirma que a palavra Sacramento na Vulgata, pode ser encontrada como “*sacramentum*”, traduzindo a palavra grega “*mysterium*”, o qual remete aos fatos que conduzem à redenção, o que pode ser confirmado em textos da literatura paulina: “Ele nos manifestou o misterioso desígnio de sua vontade, que em sua benevolência formara desde sempre” (Ef 1,9). Tanto um vocábulo quanto o outro estão presentes na história da tradição cristã, “no decurso da qual seu significado se modificou sensivelmente: desde o amplo espectro de significação na Bíblia e nos Padres da Igreja, até a definição mais restrita do conceito de Sacramento na escolástica primitiva”.¹¹

⁹ CONCÍLIO VATICANO II, In: *SACROSANCTUM CONCILIUM, Constituição sobre a Sagrada Liturgia* (1963) nº. 59.

¹⁰ CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL, *Diretório Nacional de Catequese*. São Paulo: Paulinas, 2005, nº. 84.

¹¹ SCHNEIDER, Theodor (org.). *Manual de Dogmática*. 5. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2020, p.173.

Segundo Schneider, “na linguagem profana seu sentido é outro, remete (no plural) aos rituais de iniciações religiosas e é neste sentido que o cristianismo utilizou e utiliza, para referir-se aos ritos de iniciação do culto”.¹²

O Catecismo define Sacramento como “o sinal visível da realidade escondida da Salvação”.¹³ Cristo é o Mistério da Salvação e a Igreja é n’Ele instrumento de união do gênero humano com Deus. Por Cristo, o mistério da Salvação e o amor de Deus é atualizado. “Os sacramentos são sinais sensíveis (palavras e ações) e acessíveis à nossa humanidade atual. Realizam eficazmente a graça que significam, em virtude da ação de Cristo e pelo poder do Espírito Santo”. (CEC 1084) Assim, mais que sinais da presença de Cristo, os Sacramentos são o próprio Cristo. Na hóstia consagrada está Cristo inteiro, corpo, alma e divindade. Com os demais Sacramentos não é diferente, Cristo se faz presente em cada um e em todos eles. Sobre esta presença de Jesus nos sacramentos, Nabeto recorda as palavras de Hilário de Poitiers: “(Cristo) está em nós pelo mistério dos sacramentos, como está no Pai pela natureza da sua divindade, e nós nele pela sua natureza corporal”.¹⁴

Os ritos de modo geral são símbolos cuja natureza é social, só possuem sentido de existência se inseridos em um contexto e em uma cultura. A palavra, associada a este mesmo rito, lhe outorga significado e é exatamente isto que ocorre aos ritos sacramentais, em que a Igreja fazendo uso de elementos oferecidos pela natureza, agrega-lhe palavras que, pela autoridade dada a ela por Jesus, os tornam sagrados e eficazes no âmbito da fé e da espiritualidade, tornando o homem participante de méritos que só a Ele pertencem e se referem.

Receber os sacramentos cristãos significa entrar na história que provém de Cristo, com a fé que abre para o homem esse contexto histórico que lhe permite viver de verdade, enquanto o introduz em sua verdadeira autenticidade, na unidade com Deus que é seu futuro eterno.¹⁵

¹² ZILLES, 2001, p. 22.

¹³ *CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA*. 3. ed. Petrópolis: Vozes; São Paulo: Paulinas, Loyola, Ave-Maria, 1993. (No restante da obra será citado de forma abreviada CEC).

¹⁴ POITIERS apud NABETO, Carlos Martins. *Coletânea de Sentenças Patrísticas*. Volume Único. 2. ed. São Paulo: Clube de Autores, 2012 p. 456.

¹⁵ BELLOSO, 2005, p. 123.

A dimensão eclesial é um fator muito caro para a vivência dos Sacramentos, não por se necessitar de um local físico determinado, mas porque é necessário ao homem integrar-se na história de Deus, a exemplo do modo como Jesus fez e viveu.

A Igreja teve o cuidado de codificar os símbolos usados por Jesus, para promover a sua perpetuação eclesial de modo devocional buscando guardar tudo que d'Ele recebeu, a exemplo de Maria que guardava todas as coisas em seu coração (Lc 2,16-21) e não para meramente repeti-los sem consciência dos seus significados, sem perder sua originalidade, mas sendo, à luz do Espírito, adaptado às necessidades de cada tempo, para que a comunicação da graça de Deus seja uma constante na vida e na história humana, para a salvação do homem. No texto do Catecismo, a Igreja expressa a consciência da sua missão em atualizar os mistérios de Cristo, o que se dá pelos sacramentos.

Nesta comunicação sacramental do mistério de Cristo, o Espírito age da mesma forma que nos outros tempos da economia da salvação: prepara a Igreja para encontrar seu Senhor, recorda e manifesta a Cristo à fé da assembleia, torna presente e atualiza o mistério de Cristo por seu poder transformador e, finalmente, como Espírito de comunhão, une a Igreja à vida e à missão de Cristo". (CEC 1092)

Como a Igreja é viva e atuante, a estrutura dos Sacramentos não possui uma estrutura pronta e imutável, visto que podem ao longo do tempo sofrer alterações, a partir das necessidades por ela identificadas, sem perder de vista aquilo que lhe é o cerne em cada gesto, ritual e ação.

Os Sete Sacramentos, no aspecto doutrinal, são definidos como Sacramentos de Cristo: "Os sacramentos 'são forças que saem' do corpo de Cristo, sempre vivo e vivificante: são ações do Espírito Santo operante no corpo de Cristo que é a Igreja; são 'as obras primas de Deus' na Nova e Eterna Aliança" (CEC 1115); como "Os sacramentos são 'da Igreja' no duplo sentido de que existem por meio dela e 'para ela'" (CEC 1118); são sacramentos da fé. "A fé da Igreja é anterior à fé do fiel, que é convidado a aderir a ela. Quando a Igreja celebra os Sacramentos, confessa a fé recebida dos apóstolos" (CEC 1124); são Sacramentos da salvação, "O Espírito cura e transforma os que o recebem, conformando-os com o Filho de Deus" (CEC 1129) e são Sacramentos da Vida Eterna. "Nos sacramentos de Cristo, a Igreja já recebe o penhor da herança dele, já participa da Vida Eterna, embora ainda 'aguarde a bendita esperança, a manifestação da glória de nosso grande Deus e

Salvador, Jesus Cristo”. (CEC 1130¹⁶) Acerca da autoridade da Igreja, como dispensadora dos Sacramentos, Nabeto, recorda as palavras de Isidoro de Sevilha: “Somente na Igreja os sacramentos são frutuamente celebrados. Com efeito, quem opera secretamente o seu efeito é o Espírito Santo que nela habita”.¹⁶

Na celebração dos Sacramentos, tanto o ministro quanto os fiéis são considerados liturgos, visto que todos participam ativamente, desempenhando funções diferentes, mas não superiores, em unidade e obediência as normas previstas para a liturgia celebrada.

1.2.2 Fundamentos Bíblicos

Segundo Schneider, no contexto grego, a palavra *Mysterium* diz respeito a culto. O radical “*my*” significa o fechar da boca ou mesmo os olhos. Uma pessoa considerada mística, consegue participar de um evento sagrado com profundidade no culto, o que não ocorre a uma pessoa não iniciada, pois se limitará ao nível racional em que o *mysterium* não se realiza, pois lhe faltará à experiência, o engajamento no culto.

Com o termo mistério, ocorre à expressão de uma realidade ou a participação nela, que ultrapassa e transcende a racionalidade e a linguagem humana.¹⁷ A partir do pensamento e das palavras de Krämer, H, Schneider afirma que, ao analisar os textos apocalípticos, se identifica uma variedade de mistérios, os quais são vistos como “a origem da realidade oculta, transcendente a tudo que é e acontece, especialmente daquilo que será revelado no fim do tempo”.¹⁸

Por meio de experiências extraordinárias, o plano divino é transmitido, fazendo o uso de figuras fortemente apocalípticas e que exigem interpretações sensatas e coerentes. Não é diferente, o modo que nos textos do Novo Testamento a palavra *Mysterium* deve ser compreendida: “O poder escatológico da ilegalidade (2Ts 2,7), a transformação dos seres humanos por ocasião da Parusia de Cristo (1Cor 15,51) e a futura história de Israel (Rm 11,25s.) são chamados de “mistério”.¹⁹

¹⁶ SEVILHA apud NABETO, 2012, p. 456.

¹⁷ SCHNEIDER, 2020, p. 173.

¹⁸ SCHNEIDER, 2020, p. 173.

¹⁹ SCHNEIDER, 2020, p. 173.

1.2.2.1 A ação do Espírito nas Sagradas Escrituras

Nos textos do Antigo Testamento, identificam-se as dimensões Criadora, Profética e Sapiencial da ação do Espírito.

Na primeira dimensão, Espírito Criador, se destaca a Deus mesmo, como aquele que inicia a criação, que ordena o cosmo e que dá vida ao universo. O mesmo *Ruah* que pairava sobre o caos, que marca presença ativa no relato do dilúvio e no Batismo de Jesus, é o mesmo Espírito que cria, ordena, sustenta e vivifica. O *Ruah* confirma a ação de Deus que a tudo dá início, que sustenta e vivifica sua criação. É Deus quem age e ordena tudo que o livro de gênesis relata.²⁰ “Ora a terra estava vazia e vaga, as trevas cobriam o abismo, e um sopro de Deus agitava a superfície das águas” (Gn 1,2).

Cantalamezza também aborda a presença do Espírito na primeira Criação e utiliza as palavras de São Basílio, para assegurar que o mesmo que tudo criou agora é o que renova. “Quem poderia negar que seja obra do Espírito Santo a criação da terra, se é obra do Espírito a sua renovação?”²¹

Cantalamezza salienta que “perceber no Espírito de Deus que pairava sobre as águas, uma primeira velada alusão à realidade do Espírito, desvela a compreensão de muitas outras passagens bíblicas”.²²

No segundo capítulo de Gênesis, Deus é apresentado com um rosto mais antropomórfico, “como criador, artista e poeta que sopra sobre o ser humano, formado do pó do solo e insufla em suas narinas um sopro de vida, para que se torne um ser vivente”.²³ Como aparece na palavra de Deus: “Então *lahweh* Deus modelou o homem com a argila do solo, insuflou em suas narinas um hálito de vida e o homem se tornou um ser vivente” (Gn 2,7).

Ao criar Eva, a Criação se completa, mas o homem recebe a ordem divina de cultivar e ordenar a terra, ambos devem se responsabilizar a favor da vida, em um mútuo compromisso. É em Jesus que esta criação de Deus culminará e o Espírito, que tudo cria, aos discípulos será derramado, posteriormente à comunidade reunida em Jerusalém e que São Lucas tão bem narrará.

²⁰ CODINA, Víctor. *Não extingais o Espírito*. São Paulo: Paulinas, 2010. p. 37

²¹ CANTALAMEZZA, Raniero. *O canto do Espírito*. Petrópolis: Vozes, 1998, p. 37.

²² MAGNO, Exameron, II, 6 (SCh 26, p.168) apud CANTALAMEZZA, 1998, p. 38.

²³ CODINA, 2010, p. 37.

Tendo-se completado o dia de Pentecostes, estavam todos reunidos no mesmo lugar. De repente, veio do céu um ruído como o agitar-se de um vendaval impetuoso, que encheu toda a casa onde se encontravam (At 2,1-2).

A ação criadora do Espírito perpassa toda a história, elegendo e unguendo os seus escolhidos, direcionando suas ações, colocando em suas bocas as palavras divinas que exortam e promovem a vontade de Deus, ação criadora relatada pelos livros das Sagradas Escrituras, coerente e zelosamente.

A dimensão profética da ação do Espírito se observa em diversos momentos e, nos livros do Antigo Testamento, é possível identificar esta ação, como na profecia de Ezequiel, ao ser invocado sobre os ossos secos, “Ossos secos, ouvi a palavra de *lahweh*. Assim fala o Senhor *lahweh* a estes ossos: Eis que vou fazer com que sejais penetrados pelo Espírito e vivereis” (...) (Ez 37,4-5). Possível identificar nos Salmos, em que se clama pela renovação da face da terra, “O céu foi feito com a palavra de *lahweh*, e seu exército com o sopro de sua boca” (Sl 33,6), “Envias teu sopro e eles serão criados e assim renovas a face da terra” (Sl 104,30).

Toda missão do profeta tem como ponto de partida uma experiência espiritual, a base da sua vocação, a qual, mesmo que se apresente resistente em aceitá-la, acaba sendo seduzida pelo Espírito, que deseja colocar em sua boca as palavras divinas. O conteúdo de suas profecias é o anúncio da vinda do Messias, que “estará pleno do Espírito e praticará o direito e a justiça para com os pobres”.²⁴

É na profecia do primeiro Isaías, que a Igreja encontrará os fundamentos teológicos para a definição dos sete dons do Espírito Santo: Sabedoria, Inteligência, Conselho, Fortaleza, Ciência, Temor de Deus e Piedade. No segundo Isaías, a missão do servo sofredor é explicitada como aquele que socorrerá os cativos, libertará da cegueira os cegos, será a esperança de transformação e, finalmente, o terceiro anuncia o derramamento do Espírito que ocorrerá sobre todos os homens. O que se percebe, é a ligação da ação do Espírito com a experiência de vida nova e coração novo, em um contexto de paz e justiça.

Na terceira dimensão, refere-se ao Espírito interior, centra-se na “teologia do pequeno resto, povo humilde e profético, *anawim*, pobres de *lahweh*, e desemboca-se em uma religião do coração, plena de sabedoria”.²⁵

²⁴ CODINA, 2010, p. 40.

²⁵ CODINA, 2010, p. 41.

As Sagradas Escrituras apresentam alguns elementos que caracterizam o Espírito Santo, o qual age sempre com muita liberdade e é simbolizado pela água, pelo fogo, pelo vento, pela nuvem, também é caracterizado como luz, selo, o dedo de Deus, pela unção com óleo e pela imposição das mãos.²⁶

Ao falar da água, Maria Clara Bingemer relaciona o nascimento natural e o espiritual, identificando a água como elemento comum nas duas gestações. A primeira gestação na água do útero e a segunda na água do Espírito. Sobre o vento, ela afirma que o Espírito varre os pecados, os vícios e as sujeiras do mundo renovando a face da terra.²⁷

Cantalamezza exorta sobre a flexibilidade da linguagem, que muda com o tempo e de acordo com os povos, mas a flexibilidade não se encontra na natureza e afirma sobre o vento: “O irmão vento fala hoje como falava no tempo de Ezequiel, como no princípio do mundo”.²⁸

O vento não se pode engarrafar, reservar e nem mesmo vender, o que com a água já é possível fazer. O vento é o ar que se movimenta, assim é inútil a busca por limitar o Espírito, enquadrá-lo em pretensões humanas. “O vento é o símbolo mais eloquente da liberdade de Deus”, que sopra e age como e quando quer.²⁹

Bingemer aponta também a nuvem como reveladora do Deus Vivo e Salvador. A presença da nuvem pode ser constatada no Antigo Testamento com Moisés (Ex 24,15-18), no Monte Sinai, na tenda da Reunião (Ex 39,32).

1.2.2.2 Pensamento Sacramental no Antigo Testamento

É por meio de eventos e encontros, ao longo do tempo, que a história de Deus com os homens vai se formando e revelando uma dupla estrutura, em que Deus se revela e se doa de modo sacramental. No Antigo Testamento, se tem como conceito de mistério uma mensagem de Deus escondida, a qual Deus revela aos

²⁶ BINGEMER, Maria Clara L. *Deus Trindade: A vida no Coração do Mundo*. 6. ed. São Paulo: Paulinas; Valência, ESP: Siquem, 2019, p. 96.

²⁷ BINGEMER, 2019, p. 97.

²⁸ CANTALAMEZZA, 1998, p. 28.

²⁹ CANTALAMEZZA, 1998, p. 29.

profetas e videntes por Ele escolhidos e a quem os olhos são abertos para posteriormente transmitir ao povo.³⁰

Por meio dos sacramentos, ocorre a comunicação de Deus com os homens, tornando experimentável corporalmente àqueles que se abrem a fé neste mistério, mas tal experiência, não se comprova sem a adesão da fé, o que reflete o respeito de Deus pela liberdade do homem e, ainda, a experiência não se limita apenas ao evento, mas também a sua interpretação. Assim, o pensamento sacramental contradiz o mítico, pois neste não se valoriza os eventos históricos, já que o divino se dá a entender de modo atemporal, contradiz também o pensamento contemplativo, que não valoriza os encontros corporais, visto ser no interior do indivíduo que ocorre a comunicação com o divino.³¹

O êxodo do Egito é, sem dúvida, um grande sinal do Antigo Testamento, que significou uma valiosa experiência: Deus escolhe e decide revelar-se por meio de uma ação salvadora e libertadora, que muda o curso da história.

Schneider afirma que a *Torá* é por excelência um sinal da ação de Deus na história, pois revela desde a eleição de Israel até a sua vida em posse da Terra por Deus prometida. Era para Israel não letra morta, mas como sua própria vida. Era lida nos momentos de cultos e sábio era aquele que de seu estudo não se afastava dia e noite, “Pelo contrário: seu prazer está na Lei de *lahweh*, e medita sua Lei, dia e noite” (Sl 1,2).

Os gestos simbólicos dos profetas também sinalizavam e comunicavam a graça e a vontade de Deus. Dentre estes gestos, se encontram a atitude de Elias que lança seu manto sobre Eliseu para que se torne seu discípulo (1Rs 19,19-21), o casamento de Oséias com uma prostituta, como modo de demonstrar o amor misericordioso de Deus com Israel, tantas vezes infiel (Os 3,1-5). Deste modo, em toda a história, se observa uma comunicação e ação simbólica, mesmo quando os acontecimentos foram desastrosos, pois, em todo o tempo e em todas as circunstâncias, podem ser um modo de aproximação do povo com Deus, que sempre está pronto para acolher e perdoar.³²

Neste mundo com tantos sinais, o homem também é um sinal da bondade e do amor de Deus, mas é ao mesmo tempo sinal do pecado e da necessidade da

³⁰ BELLOSO, 2005 p. 39.

³¹ SCHNEIDER, 2020, p. 174.

³² SCHNEIDER, 2020, p. 175.

salvação, que somente Deus tem para oferecer. Por ser sinal da bondade de Deus e do pecado, o homem se revela um sinal ambíguo.

1.2.2.3 Pensamento Sacramental no Novo Testamento

A compreensão no Novo testamento, acerca da palavra “mistério”, se encontra na fé de que aquilo que se encontrava escondido, ao ser revelado torna-se manifesto, de modo que os evangelhos sinóticos afirmam que aquilo que aos gentios não é comunicado, aos discípulos de Jesus ocorre esta comunicação. “Dizia-lhes: A vós foi dado o mistério do Reino de Deus; aos de fora, porém, tudo acontece em parábolas” (Mc 4,11).

A ligação da vida e da morte e a necessidade da experiência da fé são dois caros aspectos do mistério que precisam ser considerados, afinal, a verdadeira vida depende da passagem pela morte para ser conquistada, e a experiência do mistério, transcende as realidades linguística e racional, não se limitam a capacidade humana, é algo divino.

No Novo Testamento, mistério diz respeito à pessoa de Cristo e Paulo faz uma associação da ação amorosa d’Ele, que santifica e purifica a Igreja ao amor de um homem por uma mulher, afinal a Igreja é a esposa de Cristo.³³

O Novo Testamento não levanta a questão de um termo genérico capaz de designar ao mesmo tempo o batismo e a eucaristia. Não lhes aplica o termo de mistério que reserva para o desígnio de Deus revelado em Jesus Cristo. Ignora o termo “sacramento”. Mas o Evangelho de Joao é rico em cenas e simbolismos cuja interpretação sacramental se impôs a inúmeros exegetas.³⁴

Brown adverte sobre o risco de querer interpretar a visão sacramental joanina no quarto evangelho, partindo do ponto de vista do pensamento atual e afirma:

³³ SCHNEIDER, 2020, p. 174.

³⁴ SESBOÜÉ, 2013, p. 33.

É óbvio que a mentalidade do evangelista não era absolutamente a mesma que a mentalidade do intérprete moderno. Como um exemplo do que gostaríamos uma indicação positiva adequada de que a intenção do evangelista era apresentar uma referência sacramental, o leitor pode consultar o comentário sobre o relato da cura do cego, no capítulo 9, e da lavagem dos pés.³⁵

Assim, afirma Brown, para um verdadeiro e coerente reconhecimento de referências sacramentais no quarto evangelho, se faz necessário o respeito aos critérios e a combinação das indicações internas do texto, sem desconsiderar as evidências cristãs primitivas externas.

Com esta combinação de critérios para a leitura do Evangelho de João, se perceberá que os riscos de minimizar a mensagem serão menores. O texto final permitirá identificar que “há na própria substância do Evangelho um amplo interesse sacramental; e neste aspecto, João está em plena harmonia com a Igreja em geral”.³⁶

Jesus Cristo é o sinal de Deus por excelência no Novo Testamento (O Evangelho de São João retrata isto com competência e profundidade). Os sinóticos apresentam inúmeros milagres realizados por Jesus. Tudo que Ele fala e faz comunica a ação amorosa de Deus pelo homem. Em Jesus, Deus se volta ao homem de modo corporal e concreto.

Toda ação de Jesus é também ação de Deus, por exemplo, ao tocar o leproso, “Irado estendeu a mão, tocou-o e disse-lhe: ‘Eu quero, sê purificado’” (Mc 1,41), ao tocar com os dedos e curar os ouvidos do surdo-mudo, “Maravilhavam-se sobremaneira, dizendo: ‘Ele fez tudo bem; faz tanto os surdos ouvirem como os mudos falarem’” (Mc 7,33), ao tocar as costas da mulher encurvada “Mulher estás livre da tua doença, e lhes impôs as mãos. No mesmo instante, ela se endireitou e glorificava a Deus” (Lc 13,13). Em todos os sinais realizados através de Jesus se realiza a vontade de Deus de salvar o homem e de lhe devolver a dignidade e a integridade perdida.

Brown chama atenção à presença de passagens sacramentais nos evangelhos sinóticos e que não estão presentes no evangelho joanino. Sobre esta omissão, o autor afirma que a intenção era dar aos sacramentos (Batismo e

³⁵ BROWN, Raymond. *Comentário ao Evangelho de São João*. Santo André: Paulus, 2020, p. 124.

³⁶ BROWN, 2020, p. 125.

Eucaristia) uma ênfase maior mostrando que as instituições da vida cristã estão relacionadas com as atitudes e com a pessoa de Jesus.

Apesar da omissão de alguns relatos, é o evangelho joanino que, claramente, vai sustentar que na água batismal novos filhos são gerados e que por meio deste Sacramento o Espírito é enviado ao neófito. No relato das Bodas, ficará claro também que o vinho Eucarístico “significa uma nova dispensação a substituir o antigo (a cena em Caná e a descrição da videira no capítulo 15)” e a respeito do pão, ele salienta que “o pão eucarístico é o verdadeiro pão do céu a substituir o maná”.³⁷

Ao refletir as ações de Jesus, nota-se que há forte correspondência com a ação de Deus, relatadas em diversos momentos nos textos do Antigo Testamento, Cantalamessa, destaca algumas delas.

Assim, a pomba que paira sobre as águas do Jordão lembra o Espírito que no princípio pairava sobre as águas (Gn1,2), tanto mais o verbo usado no hebraico sugere a ideia de pássaro que choca ou fica pairando sobre os seus filhotes; Jesus sopra sobre o rosto dos discípulos na tarde da Páscoa, lembra o momento em que Deus insufla em Adão um ‘hálito da vida’.³⁸

Após a Ascensão de Jesus, os sinais continuam presentes na comunidade, pois as ações continuaram por meio de seus discípulos em seu nome e São Lucas os registrou no livro intitulado Atos dos Apóstolos, manifestando o poder de Jesus ressuscitado, que cumpre a sua promessa de permanecer com os seus e de continuar sua ação Salvadora por meio deles.

Além dos sinais que Jesus realizou por meio dos seus apóstolos, outro grande sinal, que não pode passar despercebido, é a perseverança dos mesmos na doutrina, a unidade na oração e no cuidado mútuo.

1.2.3 Sacramento e algumas pontuações da Patrística

Apesar dos grandes e preciosos conhecimentos transmitidos à Igreja pelos Santos Padres, acerca dos Sacramentos, não se tinha neste período uma doutrina geral dos mesmos. Os Padres da Igreja ao analisarem o “mistério”, mantiveram a

³⁷ BROWN, 2020, p. 126.

³⁸ CANTALAMESSA, 1998, p. 37.

mesma noção bíblica já oferecida. Segundo Belloso, para Orígenes, os termos “símbolo”, “mistério” e “sacramento” pouco se distinguem. “Tudo aquilo que vem até nós (da parte de Deus), nos chega como mistério”, assegura Orígenes.³⁹

Belloso assegura, sobre o pensamento de Orígenes, padre que viveu nos séculos II e III, que Deus é um mistério que não pode ser atingido e nem mesmo compreendido, pois sua grandeza e onipotência ultrapassa tudo o que há no mundo e no homem, de modo indizível e inapreensível. Para Orígenes, mistério significa símbolo ou coisa simbolizada, que ora se revela e se oculta simultaneamente. No mistério, ocorre a descida do invisível para o visível, do eterno para o contingente. Belloso afirma, “Através da mesma voz, são entregues à alma duas coisas ao mesmo tempo: a letra e o espírito”.⁴⁰

O autor Bernardo Sesboüé também comenta o pensamento de Orígenes, ao dizer que as palavras pronunciadas durante os Sacramentos são a carne de Jesus, o Verbo de Deus, o que deixa claro que não se trata meramente do pão, mas das palavras que o ministro em nome de Cristo pronuncia sobre ele, que revigora e beneficia quem dele come.⁴¹

Belloso destaca Santo Hilário de Poitiers, chamado Atanásio do Ocidente que viveu depois de Orígenes, no século IV (Ano 350), morreu no ano de 367 e também defendia que o mistério de Deus ultrapassa a realidade do homem. Em seu Tratado sobre os Mistérios, observa-se que a semelhança entre o sensível e o espiritual, defendida por Orígenes, é concretizada por Hilário ao analisar e estabelecer as correspondências entre o Antigo e o Novo Testamento. “Neste pequeno tratado, se quis mostrar que cada personagem, cada época, cada fato, bem como o conjunto de profecias, projeta, como em um espelho a imagem do advento (do Senhor), de sua pregação, de sua paixão morte e ressurreição e de nossa união com ele”.⁴²

Santo Ambrósio, nasceu no ano 340 e morreu em dezembro de 397, também relaciona “mistério” com as Sagradas Escrituras. Para ele, o mistério divino que se esconde e se manifesta na pessoa de Jesus, se manifesta também nas Escrituras e nos Sacramentos celebrados pela Igreja. “Por acaso a palavra de

³⁹ ORÍGENES, *Corpus Berolinense*, 6, 314 apud BELLOSO, 2005, p. 41.

⁴⁰ BALTHAZAR, op. Cit, p. 117, n.4 apud BELLOSO, 2005, p. 117.

⁴¹ SESBOÜÉ, Bernard (dir.). *Os Sinais da salvação*. Tomo 3. São Paulo: Loyola, 2. ed. 2013, p. 34.

⁴² POITIERS apud BELLOSO, 2005, p. 43.

Cristo, que conseguiu fazer do nada o que não existia, não poderia mudar as coisas existentes naquilo que ainda não eram? Pois não é menos dar às coisas a sua natureza primeira do que mudar a natureza delas?” (CEC 1375) Santo Ambrósio se refere a transubstanciação que ocorre nas santas Missas, em que pão e vinho se tornam Corpo e Sangue de Cristo: “Quando se vai produzir o venerável sacramento [da Eucaristia], o sacerdote não se serve mais de suas próprias palavras, mas usa as palavras de Cristo. É, portanto, a palavra de Cristo que produz este sacramento”.⁴³ Esta definição de Santo Ambrósio foi muito cara para o Concílio de Trento e para a elaboração do Catecismo da Igreja.

Belloso salienta que o modo atual de análise do símbolo muito se diverge da Patrística. A compreensão atual é superficial, entende como símbolo “algo que não é aquilo que significa”.⁴⁴ Afirma ainda o autor, sequencialmente, que na atualidade, a significação pertence diretamente ao símbolo e não ao que é simbolizado, o que difere fortemente da análise patrística, pois o símbolo era entendido como aquilo que significava.

Refletir o conceito teológico tradicional dos Sacramentos, é estar diante da filosofia neoplatônica de Santo Agostinho, na qual se faz uma distinção entre Sacramento, (enquanto sinal) e virtude ou *res sacramental* (referindo-se realidade invisível nele contido).

Para o bispo de Hipona, chamado o doutor da Graça, por muito compreender e ensinar seus efeitos na vida de quem a recebe, o Sacramento sinaliza eficazmente o sagrado: No Antigo Testamento se constituía de uma promessa de Salvação e no Novo a comunicação desta Salvação, Jesus Cristo. Sua contribuição, para a compreensão conceitual e eficácia, foi até o século XI a base para a Igreja pensar o seu agir sacramental. “Sacramento é o sinal visível de uma graça invisível, instituído para nossa justificação”.⁴⁵ Depois disto, outras e novas reflexões de aprofundamento foram surgindo acerca da Igreja, a Mãe que, de Deus outros Sacramentos recebeu, dois transmitidos pelo próprio Jesus e os demais os apóstolos mesmo instituíram com a autoridade confiada por Ele.⁴⁶ Sesboüé para confirmar a autoridade dada por Jesus à Igreja, cita as palavras de Santo Agostinho

⁴³ SESBOÜÉ, 2013, p. 34.

⁴⁴ BELLOSO, 2005, p. 42.

⁴⁵ NABETO, 2012, p. 456.

⁴⁶ ZILLES, 2001, p. 23.

que afirma convictamente: “Se Pedro batiza, é ele [Cristo] que batiza; se Judas batiza, é ele quem batiza”⁴⁷.

Confirmando a eficácia das palavras para o Sacramento, ditas por Santo Ambrósio, Santo Agostinho assegura: “Retira a palavra. Que é que sobra? Somente a água”.⁴⁸ No Sacramento ocorre a junção da água com a palavra para que ele aconteça. “Unindo-se a palavra ao elemento [físico], daí nasce o sacramento”. Diz ainda o bispo de Hipona, “quando se recebe o sacramento o que alimenta não é o que se vê, mas o que se crê”.⁴⁹

1.3 O CONCÍLIO DE TRENTO (1545-1563)

Trento foi o concílio mais longo da história da Igreja, devido as grandes dificuldades e interrupções que ocorreram, mas foi também uma verdadeira ação de autoafirmação por parte desta mesma Igreja como “Sacramento Universal da Salvação”⁵⁰, diante dos ataques protestantes e no qual o Concílio Vaticano II futuramente se apoiará. É claro, ao longo da história, o reconhecimento da importância deste concílio para a Igreja, inclusive por São João Paulo II, que não economizou palavras ao referir-se a ele.

A Igreja no Concílio de Trento fez uso de sua autoridade, confirmando não ser mais nem menos o número de sete sacramentos (Batismo, Confirmação, Eucaristia, Penitência, Extrema-Unção, Ordem e Matrimônio), rejeitando a afirmação de que os sacramentos possuam o mesmo valor e condenando aqueles que veem no objetivo da instituição deles, somente o alimento da fé. Outro ponto de defesa do Concílio é a fórmula do *ex opere operato* (“por força do rito executado”). “Quem afirma que, por meio dos sacramentos da Nova Aliança, a Graça não seria concedida *ex opere operato*, mas que para conseguir a graça bastaria a mera fé e a promessa divina, esse seja anátema”.⁵¹

É necessário o reconhecimento de que quem atua nos sacramentos, a partir da Igreja e dos seus ministros ordenados, é Deus e somente Ele, assim, a eficácia

⁴⁷ AGOSTINHO *omélie sur 1er Nombere*, 23,6 apud SESBOÜÉ, 2013, p. 34.

⁴⁸ SESBOÜÉ, 2013, p. 34.

⁴⁹ SESBOÜÉ, 2013, p. 36.

⁵⁰ *COMPÊNDIO DO CONCÍLIO VATICANO II. Constituições, Decretos, Declarações. Constituição Dogmática Lumen Gentium*. 29. ed. Petrópolis: Vozes, 2000, nº. 5.

⁵¹ SCHNEIDER, 2020, p. 176.

de cada um e de todos eles é inquestionável para a fé da Igreja e deve ser respeitada como Verdade de Fé. “A peculiar eficácia dos dons gratuitos de Deus, nada tem de mecânico e de previsível, mas possui a imprevisibilidade daquilo que se dá gratuitamente. Assim, a ‘graça’ de Deus que deriva dos sacramentos”.⁵²

Como a instituição da Igreja é permanente, também os Sacramentos são. A Igreja é continuamente conduzida por Cristo, ela não é uma obra humana, mas do próprio Jesus, é propriedade Dele, é o seu corpo e também os Sacramentos os são. Cristo pela ação do Espírito Santo cria, atualiza sua Igreja constante e sacramentalmente. A ação e a eficácia dos Sacramentos independem da santidade do ministro celebrante, pois, como já foi dito, “quer batize Pedro, quer batize Judas, é Cristo quem batiza”⁵³ lembra Schneider, das palavras de Santo Agostinho. Ainda sobre a não interferência do ministro na eficácia dos Sacramentos, Nabeto exorta a partir das palavras de Optato de Milevi:

Vós podeis ponderar como os que batizam são somente ministros e não árbitros do sacramento, e como os sacramentos são santos por si mesmos e não por obras dos homens (...). Deixai a Deus o direito de conceder o que é seu. De fato, esse dom não pode ser concedido ao homem, pois é divino.⁵⁴

Também a assembleia durante a celebração dos Sacramentos age de modo ministerial, todos devem estar cientes que o que fazem é em nome de Cristo que fazem, logo deve se ocuparem de fazer com que a celebração ocorra de acordo com as normas estabelecidas pela Igreja, sem nada poder retirar ou acrescentar levemente do rito.

Os Sacramentos do Batismo, da Confirmação e da Ordem sacerdotal possuem uma marca indelével, ou seja, ao receber estes Sacramentos, o fiel fica marcado definitivamente, mesmo se houver um fechamento a graça recebida ou uma adesão ao pecado. A permanência desta marca na pessoa independe da sua santidade, mas da graça de Deus neles contida. Como a marca é permanente nenhum dos três Sacramentos citados podem ser repetidos. (CEC 698).

O entendimento atual de instituição impede de certo modo admitir que os Sacramentos foram instituídos por Cristo, até mesmo o do Batismo e da Eucaristia.

⁵² BELLOSO, 2005, p. 33

⁵³ SCHNEIDER, 2005, p. 180.

⁵⁴ NABETO, 2012, p. 456.

Trento, porém, não se prendeu a estes detalhes da exegese moderna, apesar de reconhecê-los, mas fixa em combater os ataques dos reformadores e defender aquilo que é realmente caro e necessário para a fé da Igreja, ou seja, os Sacramentos são instituídos pelo Cristo, que age e conduz a sua Igreja, não são invenções aleatórias, mas são o que significam e são eficazes por conterem a graça divina em todos e em cada um deles.

Há nos Sacramentos, do ponto de vista teológico, distinções que os colocam em uma relação e em uma ordem hierárquica e Trento trata bem esta questão. Assim, como o momento da Páscoa é um ápice na vida de Jesus, momento que ele vence a morte e o pecado, também na celebração do seu mistério é possível identificar estes momentos, o que determina alguns Sacramentos maiores em relação aos demais e são eles o Batismo e a Eucaristia. No primeiro se marca a passagem da morte para a vida e no segundo o gesto de partir o pão nos remete a entrega de Jesus na cruz pela humanidade. Estas são as razões para estarem eles em destaque aos demais Sacramentos.

1.3.1 O número dos Sacramentos

Os Sete Sacramentos alcançam todas as fases da vida do homem na sua vivência cristã em sua origem e crescimento, na sua cura e em sua missão. Os Sacramentos dão vida a fé do crente, exorta o Catecismo, o que de certo modo estabelece uma relação entre a vida natural e espiritual. (CEC 1210) Os Sacramentos do Batismo, da Confirmação e da Eucaristia que constituem os Sacramentos de iniciação a vida cristã, em seguida os Sacramentos da Penitência e unção dos enfermos, que são os Sacramentos de cura e ainda os Sacramentos da Ordem e do Matrimônio que são os Sacramentos de serviço.

A definição da quantidade se deu mais por uma questão simbólica que quantitativa. É na Idade Média que se encontra os elementos para a compreensão do número sete, em um contexto místico. Neste período o simbolismo dos números estava muito ligado ao conhecimento, era um meio para medi-lo. O sete era considerado o número da perfeição, assim como o número um equivalia a origem.

Sesboüé afirma que até o século XII nem a Igreja do Oriente nem a do Ocidente via problema quanto a definição dos Sacramentos em sete, porém, a partir

deste período, estabelecer uma lista dos sacramentos tornou-se uma necessidade para a Igreja latina, ou seja, tratou-se de uma necessidade pastoral.⁵⁵ Yves Congar salienta que nem sempre esses dons foram reconhecidos como tais, que foram confundidos como carismas e que o ano de 1235 foi o período que se estabeleceu uma nova concepção:

Até o século XIII no Ocidente, podemos até precisar a data, no ano de 1235 esses sete dons foram tratados como operações da graça, as vezes até mesmo como 'carismas', não como dons especificamente distintos das outras comunicações do Espírito.⁵⁶

Congar atesta que muitas foram as tentativas de relacionar o número dos Sacramentos às Sagradas Escrituras. Agostinho relacionou os sete dons com os sete pedidos feitos na oração do Pai Nosso (Mt 7,15) e com as Bem aventuranças (Mt 5,1-12). Afirma, ainda, que é possível identificar uma relação entre os dons, as virtudes e os Sacramentos, mas de modo sóbrio e coerente, sistematizando e traduzindo de modo autêntico a experiência cristã, relacionando-a ao ensinamento de São Paulo, a partir da convicção de que aqueles que se deixam conduzir pelo Espírito Santo, são filhos de Deus. (Rm 8,14). E sobre a Teologia dos dons de Congar afirma:

A grande ideia que guia Tomás é que apenas Deus pode nos conduzir para nos fazer alcançar o seu próprio domínio, sua herança, sua bem Aventurança e glória, isto é, ele mesmo. Só Deus pode agir divinamente.⁵⁷

De modo sintético, Congar reúne o pensamento tomista sobre os dons e sobre o modo imperfeito como se vive as virtudes, reconhecendo a necessidade do impulso divino para isto ser possível. As virtudes são vistas de modo distinto dos dons e são aperfeiçoadoras destes dons, a partir da condução do Espírito e da abertura dada a esta condução. Assegura Congar sobre as virtudes:

⁵⁵ SESBOÜÉ, 2013, p. 104.

⁵⁶ CONGAR, Yves. *“Ele é o Senhor e dá a vida”*. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 2010, p. 183.

⁵⁷ AQUINO, sum. *Theol. Ia Ilae*, q. 68, a. 2 apud CONGAR, 2010, p.185.

Só Deus, em pessoa, pode dar sua plenitude aos exercícios das virtudes teologais, somente ele pode consumir o agir de um filho de Deus. Isso é verdade quanto a toda a vida da graça e da presença de Deus que ela fundamenta como objeto de conhecimento e de amor.⁵⁸

Ainda sobre o pensamento de Santo Tomás a respeito dos dons, Congar afirma que as bem-aventuranças é o exercício perfeito das virtudes, dos dons e busca uma correspondência destas virtudes com um dom do Espírito. Assim, ele afirma que o dom da inteligência promove o aperfeiçoamento da fé para um “*sanus intellectus*” (compreensão saudável). Aquele que exercita a fé, alcança uma maior perfeição no dom de Ciência, propiciando um discernimento coerente do que deve aceitar e/ou recusar. A esperança, Tomás relaciona com o dom do Temor, por meio deste o homem é submisso a Deus. A caridade, caracterizada como a rainha das virtudes, corresponde ao dom da Sabedoria, tão necessária para se ter retidão. A justiça é pelo dom da Piedade sustentada, completada e a bem-aventurança dos mansos é a sua correspondente. O dom da Fortaleza é um auxílio para o exercício da fortaleza e a bem-aventurança que lhe corresponde é daqueles famintos e sedentos por justiça. Finalmente para a temperança seria finalmente o temor, mas Codina afirma que parece ter havido algum embaraço em Santo Tomás de correlacioná-los.

Para Sesboüé, apesar de se ter um documento antigo de autor desconhecido, na primeira metade do século XII e da lista ter sido elaborada por Otto de Bamberg em 1150, Pedro Lombardo foi quem estabeleceu uma influência prática na listagem dos Sacramentos, definindo em uma de suas obras, Livro das Sentenças IV, os Sacramentos do Batismo, da Confirmação, a Eucaristia, a Extrema Unção, a Ordem e o Matrimônio como Sacramentos da Nova Lei. Além de enumerar, continua Sesboüé, Lombardo justifica sua seleção e explica a eficácia de cada rito distinguindo os ritos eficazes daqueles que só sinalizam.⁵⁹ Apesar de terem sido aceitos, não há uma total homogeneidade nestes Sacramentos.

Na Idade Média, a preocupação dos papas e dos concílios era com o restabelecimento da unidade com as Igrejas orientais, na busca por retorná-las ao

⁵⁸ AQUINO, *Cursus Theologicus I*, q. 43, disp 17, a. 3 apud CONGAR, 2010, p. 187.

⁵⁹ SESBOÜÉ, 2013, p. 104.

seio romano, fazendo-as compreender o setenário sacramental em um clima de serenidade, esclarecendo aquilo que poderia fomentar polêmicas indesejadas.⁶⁰

O Concílio de Florença em 1439 havia emitido um decreto sobre os Sacramentos e a definição destes ao número de sete, orientando os armênios sobre sua eficácia e importância. Sesboüé apresenta um trecho deste decreto:

Os sacramentos da nova Lei são em número de sete, a saber, o batismo, a confirmação, a eucaristia, a penitência, a extrema-unção, a ordem e o matrimônio, que diferem bastante dos sacramentos da Antiga Lei. Esses, de fato, não causavam (causabant) a graça; eram somente a figura daquela que seria dada pela paixão de Cristo. Os nossos, em compensação, contêm (continent) a graça e a conferem (conferunt) àqueles que o recebem como convém. Os cinco primeiros deles foram ordenados para a perfeição espiritual de cada um, os dois últimos para a condução e a multiplicação da Igreja inteira.⁶¹

A Igreja testemunha em toda sua ação na história, a busca pela coerência no seu modo de servir e celebrar, para que a Santa Vontade de Deus seja vivida por todos os seus membros. Com esta preocupação, busca sempre atualizar-se, reafirmando sua tradição, respondendo aos apelos das circunstâncias, integrando o que perceber coerente, sem nenhum prejuízo teológico. Não há dúvida de que “entre os séculos XII e XV, a Igreja latina deu uma forma oficial aos sacramentos, mediante atos em parte conjunturais, mas que indicam tomadas de posição refletidas e uma vontade de defender e promover a fé evangélica”, afirma Sesboüé.

1.4 O CONTEXTO TRINITÁRIO DOS SACRAMENTOS

A união da ação do Pai com a Palavra enviada e o Espírito comunicado favorece a comunhão com o corpo de Cristo e a participação sacramental da unidade do mesmo Espírito. Os sacramentos tem sua morada no seio da Trindade por iniciação do próprio Deus e assegura Bellosso:

⁶⁰ SESBOÜÉ, 2013, p. 108.

⁶¹ SESBOÜÉ, 2013, p. 110.

O Espírito Santo, juntamente com o Pai e com o Filho, nos renova no Batismo, e do estado imperfeito em que nos encontramos nos faz retornar à beleza originária, nos enche da sua graça, nos converte em espirituais, participantes da glória divina, filhos e herdeiros de Deus Pai, configurados segundo o Filho, coerdeiros e irmãos seus.⁶²

Nabeto, a partir das palavras de Hilário Poitiers, aborda a unidade trinitária dos Sacramentos, que colocam por meio de Jesus o fiel em comunhão com o Pai, visto que por meio dele se unem a Cristo que se mantém em constante união com o Pai.

Ensina-se, portanto, que pelo nosso Mediador se consuma a unidade perfeita, pois enquanto nós permanecemos nele, ele permanece no Pai, e, sem deixar de permanecer no Pai, permanece também em nós e assim nós subimos até à unidade do Pai. “Ele está no Pai fisicamente, segundo a origem de sua eterna natividade, e nós estamos nele, fisicamente, enquanto também está em nós fisicamente (Da Trindade)”.⁶³

1.5 O CONTEXTO ESCATOLÓGICO DOS SACRAMENTOS

A humanidade vive uma busca incessante por sucesso, realização pessoal e profissional e lida com a morte de modo indiferente como se ela fosse um tabu a ser exorcizado, argumenta Codina. Alerta ainda ao risco do homem se enganar com as inúmeras imagens que a mídia disponibiliza diariamente com padrões idealizados de uma vida saudável, feliz e ininterrupta, na tentativa de ofuscar a realidade bombardeada por tantas situações de dor, desigualdade, violência, fome, catástrofes e morte.⁶⁴

Se para muitos as adversidades, continua Codina, causam pessimismo e desespero, aos cristãos servem como motivo para reflexão acerca do modo como estão vivendo, convictos de que a morte não possui a última palavra, pois para aqueles que creem em Jesus esperam na ressurreição e esta esperança dá sentido as suas vidas, mesmo diante das dificuldades e tribulações.

A vivência cristã é pautada na vida de Jesus que ressuscitou, vencendo a morte e o pecado, abriu para aqueles que nele creem ao Reino dos Céus que

⁶² BELLOSO, 2005, p. 31.

⁶³ POITIERS apud NABETO, 2012, p. 456.

⁶⁴ CODINA, 2010, p. 301.

começa ser vivido aqui, agora, mesmo que não de modo pleno, “Só seremos plenamente filhos de Deus, quando estivermos como Cristo, na condição de filhos de Deus”.⁶⁵ São Lucas traz as palavras de Jesus acerca da vida futura: “São filhos de Deus, sendo filhos da ressurreição” (Lc 20,36).

Ao relacionar a perspectiva dos escritos dos apóstolos João e Paulo, se observa certa tensão em torno do já e ainda não. Enquanto João já fala da vida Eterna agora, Paulo defende que só quando estivermos com Cristo, afirma Codina.

São Paulo reconhece a condição de se ter o Espírito para ser filho e herdeiro de Deus que aguarda ansiosamente a vinda do Reino. Os gemidos de que fala a carta aos Romanos (8,16-23) são gemidos de desejos e não de murmurações nem de queixas (diante das dificuldades e até mesmo da morte), os quais revelam uma esperança escatológica para que venha o Reino de Deus. “Nossa fé no Espírito de vida se converte em rocha e âncora firme de esperança. A vida, o amor, a misericórdia, o perdão, a santidade, a bondade... são mais fortes do que a morte”.⁶⁶

Codina recorda que o povo de Israel, por muito tempo, via no Xeol, o reino dos mortos, o desfecho da vida, longe de *lahweh* em uma situação de solidão, obscuridade e abandono e só no tempo dos Macabeus esta concepção foi superada pela fé na ressurreição. “Chegado já o último alento, disse: ‘Tu celebrado, nos tira desta vida presente. Mas o Rei do mundo nos fará ressuscitar para a vida eterna, a nós que morremos por suas leis.’” (2 Mac 7,9).

O Espírito de *lahweh* é aquele que dá e gera a vida tanto a vida cósmica, como também a vida interior e a vida eterna e é dele que o profeta Ezequiel fala em sua visão, vivificando os ossos ressequidos, dando a Israel a mensagem de reconstrução do seu povo.⁶⁷

Então me disse: “Profetiza ao Espírito, profetiza filho do homem, e dize-lhe: Assim diz o Senhor *lahweh*: Eis que abrirei os vossos túmulos e vos farei subir dos vossos túmulos, ó meu povo, e vos reconduzirei para a terra de Israel”.. Então sabereis que eu sou *lahweh*, quando abrir vossos túmulos e vos fizer subir de dentro deles, ó meu povo. Porei o meu Espírito dentro de vós e vivereis. Eu vos reporei em vossa terra e sabereis que eu, *lahweh*, falei e hei de fazer, oráculo de *lahweh*. (Ez 37,9-10).

⁶⁵ CODINA, 2010, p. 149.

⁶⁶ CODINA, 2010, p. 302.

⁶⁷ CODINA, 2010, p. 304

A natureza escatológica dos sacramentos se deve à base trinitária da Igreja que, apesar de peregrina, possui um contexto histórico. A Igreja tem como missão apresentar à humanidade a pessoa de Jesus que nela atua, para que ocorra a todos a comunicação do Espírito Santo. A Igreja visível deve fazer transparecer aquele que é invisível, mas que nela age. Esta é a cara e a grande missão escatológica da Igreja, na qual os Sacramentos estão inseridos e são elementos essenciais.

Os carismas extraordinários que indubitavelmente o Espírito irá suscitar, bem como as formas extraordinárias da ação evangelizadora, não de centrar-se na catolicidade essencial da Igreja local, toda ela missionária porque tem a Palavra de Deus (Cristo e seu Evangelho); tem a Eucaristia, que reúne e constrói o povo de Deus ao redor da caridade maior; tem o Espírito Santo, fruto principal da Páscoa do Senhor Jesus, que dispõe e dinamiza os pastores juntamente com os leigos e leigas, religiosos e religiosas que, unidos no amor fraterno, vivem o caminho conjunto rumo ao Reino de Deus.⁶⁸

Esses elementos deverão permanecer firmes, pois constituem a estrutura de todo o trabalho pastoral da Igreja, sempre em unidade, sem a necessidade de apoiar-se em estruturas seculares e sim na obediência à Palavra, aos pastores e ao alimento da oração e do Sacramento eucarístico.

⁶⁸ BELLOSO, 2005, p. 27.

2 O SACRAMENTO DA CONFIRMAÇÃO: CONCEITO E EFICÁCIA

Não é pela força do acaso que o Sacramento da Confirmação é denominado também o Sacramento da maturidade cristã. Crer que Jesus veio na água e no sangue é condição para o cristão ser testemunha autêntica da fé em Jesus, o que possibilita a exemplo d'Ele vencer o mundo, como nos afirma Belloso, pautado no Evangelho joanino acerca deste Sacramento.⁶⁹

A preferência pelo nome Sacramento da Confirmação, explica Mariosan Marques, se deve ao fato de que a palavra confirmação remete ao Batismo, a partir do qual outros sacramentos serão dispensados sem perdê-lo de vista, afinal todos os demais sacramentos farão a ele uma contínua referência.⁷⁰

A luta a ser travada pelo cristão é desafiadora, o combate ao mal deve ser sempre o alvo daquele que segue a Jesus e que disto deve estar consciente. “Eu os envio como cordeiros no meio de lobos” (Mt 10,16) exorta o Evangelho sinótico e, Belloso parte destas palavras de Jesus para salientar a necessidade da sabedoria, para que o anúncio deste Evangelho ocorra sem interrupção e de modo eficaz, sempre na condução do Espírito, aquele que sempre conduziu e conduz a missão da Igreja, segundo a Vontade Divina. Nabeto, descreve bem a eficácia do sacramento da Confirmação e a missão a ser cumprida pelo confirmado.

Pelo Batismo, o homem alista-se na milícia [da Igreja]; pela confirmação, equipara-se para a luta. Na fonte batismal, o Espírito Santo confere a plenitude da inocência (=regeneração); na Confirmação dá a consumação da graça. No Batismo, renascemos para a vida; depois do Batismo, somos confirmados para a luta. No Batismo somos purificados; depois do Batismo somos munidos de força. A regeneração garante de per si a salvação aos que se batizam pacificamente; a Confirmação arma e adestra para os embates da guerra.⁷¹

Bortolini chama atenção para o modo como se conceitua este Sacramento, para não se esquivar em afirmá-lo como o ato de assumir com consciência o Batismo, pois seu efeito vai muito além de comprovar erroneamente o primeiro Sacramento como um ato inconsciente. Se este fosse seu efeito não seria

⁶⁹ BELLOSO, 2005, p.183.

⁷⁰ MARQUES, Pe. Mariosan de. *Fundamentos Bíblico-teológicos para o sacramento da Confirmação*. Goiânia: Scala, 2017, p. 36.

⁷¹ CIPRIANO apud NABETO, 2012, p. 482.

denominado um Sacramento.⁷² O Sacramento da Confirmação completa no fiel a obra começada pelo Batismo e José Bortolini o define como “o sacramento que torna visível o Dom do Espírito Santo”.⁷³

Depois que recebestes a graça batismal e te revestiste de uma túnica de brancura deslumbrante, o pontífice se aproxima e te assinala na fronte, dizendo: ‘És assinalado, [nome], em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo’ (...) Por esta invocação do Pai, do Filho e do Espírito Santo, te é dado o sinal e o indício de que o Espírito Santo veio também sobre ti, que fostes ungido por Ele, que o recebestes pela graça, que o possuis e que habita em ti; no momento, tens todos estes bens como primícias já que agora te beneficias deles só em figura.⁷⁴

As palavras de Cirilo de Alexandria citadas por Nabeto, em sua obra *Coletânea de Sentenças Patrísticas*, revelam a profundidade da unção realizada no Sacramento e a necessidade do confirmando ter consciência da sua importância e eficácia, para assim abrirem-se a graça derramada e assumir a sua missão, como bom soldado do Senhor.

O Catecismo esclarece que a caracterização de Sacramento da maturidade cristã, não se deve à idade adulta, pois, uma coisa é uma pessoa adulta do crescimento natural e outra é uma pessoa adulta na fé. (CEC 1306) Ainda sobre esta maturidade, Marques afirma:

A “maturidade” ou “perfeição” que se pede comumente de alguém para receber o sacramento da Confirmação não tem uma dimensão antropológica, que nos faça pensar imediatamente numa idade psicológica adulta, mas muito mais tem numa imediata função de integração social de confirmado numa comunidade de fé. Estes aspectos não devem poder certamente serem subestimados na busca de formas pastorais concretas com as quais a Confirmação tem que ver. Porém, “a maturidade” especificamente relacionada com este sacramento tem mais propriamente uma dimensão eclesiológica: é a maturidade ou perfeição do cristão que entra plenamente a formar parte da vida da Igreja.⁷⁵

Para Belloso, o sacramento da Confirmação é o Sacramento que permite àqueles que receberam a unção do Espírito, vencer o mundo, a exemplo do Senhor Jesus.⁷⁶ Esta missão de vencer o mundo é tratado por São João em uma de suas

⁷² BORTOLINI, José. *Os Sacramentos em sua vida*. São Paulo: Paulus, 2018, p. 58.

⁷³ BORTOLINI, 2018, p. 59.

⁷⁴ NABETO, 2012, p. 484.

⁷⁵ MARQUES, p. 35.

⁷⁶ EFREN Apud BELLOSO, 2005, p. 183.

cartas, “Todo o que crê que Jesus Cristo nasceu de Deus, e todo o que ama ao que o gerou ama também o que dele nasceu” (1Jo 5,1) e também por Jesus, ao enviar seus discípulos a pregarem, deixando-os cientes das dificuldades da missão, “Eu vos disse tais coisas para terdes paz em mim. No mundo tereis tribulações, mas tende coragem: eu venci o mundo” (Jo 16,33).

Por meio deste Sacramento os fiéis são chamados a se colocarem a serviço da Igreja e do Reino, a partir da unção recebida, a qual lhes impõe um selo indelével e cuja resposta do fiel deve corresponder a Graça recebida de modo livre, consciente e responsável.⁷⁷ Nabeto muito ensina sobre este Sacramento:

“O Espírito Santo imprime com o óleo seu selo nas ovelhas de seu rebanho (...) Também a marca invisível do Espírito é impressa com óleo nos corpos (...) O óleo é um verdadeiro espelho. De qualquer ângulo que eu possa observar o óleo, vejo o olhar de Cristo que nele brilha”.⁷⁸

Sobre os efeitos deste Sacramento, Papa Francisco afirma, “Consideremos os efeitos que o dom do Espírito Santo faz amadurecer nos crismandos, levando-os a tornar-se, por sua vez, uma dádiva para os outros”⁷⁹ e diz, ainda, que este Sacramento só se recebe uma vez, “mas o dinamismo espiritual suscitado pela santa unção persevera no tempo”.⁸⁰ Nesta audiência, o papa deixa claro que o mandato de Jesus ao cristão, de ser no mundo perfume de Cristo, deve ser inspirada na simplicidade da mensagem evangélica”.⁸¹

Sesboüé, abordando a definição dos Sacramentos, cita um trecho do decreto do Concílio de Florença aos armênios sobre os Sacramentos: “Pelo Batismo, com efeito, renascemos espiritualmente; pela Confirmação crescemos na graça e somos fortificados na fé”.⁸²

O Concílio Vaticano II afirma que os fiéis aumentam o seu vínculo com a Igreja a partir do Sacramento da Confirmação, o que revela seu caráter eclesiológico:

⁷⁷ BORTOLINI, 2018, p. 65.

⁷⁸ NABETO, 2012, p. 483.

⁷⁹ FRANCISCO. Papa. *Audiência Geral*: 6 de junho de 2018 a.

⁸⁰ FRANCISCO, 2018 a.

⁸¹ FRANCISCO, 2018 a.

⁸² CONCÍLIO DE FLORENÇA apud SESBOÜÉ, 2013, p.110.

Pelo sacramento da Confirmação se vinculam mais estreitamente à Igreja, se enriquecem com uma força especial do Espírito Santo, e desta forma se obrigam como maior compromisso a difundir e a defender a fé, com palavras e obras, como verdadeiras testemunhas de Jesus Cristo.⁸³

Ainda sobre o aspecto eclesiológico do Sacramento, Víctor Codina aponta o risco de que este Sacramento se restrinja aos aspectos pessoais e existenciais da pessoa, visto ser grande o índice de confirmados que não perseveram na vida comunitária⁸⁴, como se receber o Sacramento, fosse simplesmente um acontecimento social e cultural, sem nenhum compromisso com a fé, com a Igreja, com o anúncio e a construção do Reino. Nabeto explica a finalidade da unção, de modo que fique clara a missão do confirmado enquanto cristão:

A carne é ungida para que a alma possa ser consagrada; a carne é marcada para que a alma possa ser fortalecida; a carne é ofuscada pela imposição das mãos para que a alma possa ser esclarecida com o Espírito.⁸⁵

Marques caracteriza a Confirmação como o Sacramento da plena comunhão do confirmado com a Igreja:

Podemos então caracterizar também a Confirmação como o sacramento da plena comunhão eclesial, que encontra seu referencial no ministério episcopal um dos seus “sinais” irrenunciáveis, como garantia de unidade da Igreja em torno da Palavra e da Eucaristia que a edificam como Corpo de Cristo.⁸⁶

Dom Washington Cruz relaciona a eficácia do sacramento da Confirmação como modo configurar o fiel a Cristo, e como modo de inserção na vida eclesial:

⁸³ *CONSTITUIÇÃO DOGMÁTICA LUMEN GENTIUM. Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II.* Paulus: São Paulo, 1997, nº 11.

⁸⁴ CODINA, 2010, p. 118.

⁸⁵ TERTULIANO apud NABETO, 2012, p. 481.

⁸⁶ MARQUES, 2017, p. 39.

A Crisma configura mais plenamente o batizado ao Cristo Senhor, ungido pelo Espírito Santo e o insere de modo mais perfeito na Igreja. Desta forma chega a cumprimento a regeneração do fiel em Cristo e na participação na Eucaristia, cume de toda a iniciação cristã, se realiza a plena inserção no mistério pascal e pentecostal⁸⁷

O Sacramento da Confirmação deve ser visto e situado no Rito Inicial da vida cristã, juntamente com os Sacramentos do Batismo e da Eucaristia, pelos quais os fiéis são incorporados e assimilados a Cristo, afirma Jesús Espeja, a partir do documento *Ad Gentes*.⁸⁸

O óleo possui grande eficácia (...) Outro tanto Cristo, que é tudo em todos (...) O nome "óleo" é um símbolo e dele deriva o nome "Cristo" {, o Ungido] (...) E se estes (= os discípulos de Cristo) foram ungidos e consagrados, no óleo Cristo estava misteriosamente presente, esmagando todo mal (...)O nome "óleo" é portanto, símbolo e sombra do nome "Cristo".⁸⁹

2.1 A EVOLUÇÃO HISTÓRICA

Michael Meyer-Blanck e BLERITZ enxergam a separação dos Sacramentos do Batismo, a Eucaristia e Confirmação como uma prática litúrgica insuficiente, mesmo favorecendo a classificação teórica dos mesmos. Afirmam, ainda, que até a Idade Média não se tinha um rito próprio para a Confirmação, o que só foi possível a partir do século V, em que a unção pós-batismal será competência unicamente do bispo. Relatos de Tertuliano, demonstram casos em que o bispo impusera as mãos a pessoas que tiveram o batismo realizado por hereges, para validar o Sacramento.⁹⁰

Inocêncio I foi o papa que primeiro exigiu que ao bispo ficasse reservada a unção da Confirmação, tendo como base o texto de Atos 8,14, o qual especifica claramente a exclusividade do bispo para a dispensação e transmissão do Espírito Santo. "Os apóstolos que estavam em Jerusalém, tendo ouvido que a Samaria

⁸⁷ CRUZ, Dom Washington. *Creio no Espírito Santo: Meditação sobre a vida no Espírito*. Goiânia: Dicon, 2019, p. 61.

⁸⁸ ESPEJA, Jesús. Para compreender: *Os Sacramentos*. Coimbra: Gráfica de Coimbra, p. 77.

⁸⁹ NABETO, 2012, p. 48.

⁹⁰ SCHMIDT-LAUBER, Hans Christoph; MEYER-BLANCK, Michael; BIERITZ, Karl-Heinrich. *Manual de Ciência Litúrgica*. São Leopoldo: Sinodal, 1972, p. 4-45.

acolhera a Palavra de Deus, enviaram-lhe Pedro e João. Estes, descendo até lá, oraram por eles, a fim de que recebessem o Espírito Santo” (At 8,14-15).

As normas gerais fixadas por Inocêncio I são ainda válidas, assim, os sacerdotes (salvo as exceções posteriormente tratadas) não estão autorizados a ministrarem este Sacramento. Esta prática foi validada em toda a Igreja latina e serviu para pôr fim às perseguições sofridas pelos cristãos por parte dos éditos, tanto de Galério quanto de Constantino nos anos de 311-313 e para possibilitar a igreja uma motivação nova e própria para aqueles que iniciariam na fé, superando uma atitude meramente cultural, de costume.⁹¹

No rito na Igreja antiga, como ainda hoje se mantém no meio ortodoxo, ocorriam muito próximo e em torno do Batismo, “a renúncia ao mal, a profissão de fé, unção e imposição de mãos”⁹² No batismo, o diácono entra na água com o batizando e o pergunta sobre a sua fé em Deus e, após a resposta, a pessoa é submersa a primeira vez, depois se pergunta sobre a fé no Filho e no Espírito e a mesma é inserida a segunda e a terceira vez na água. Após este momento ela recebe a primeira unção com o óleo, feita pelo presbítero e, posteriormente, após vestir-se vai até a Igreja, onde será novamente unvida, mas agora pelo bispo, que também lhe impõe as mãos. O óleo derramado sobre suas mãos e cabeça pelo bispo é de ação de graças. Ao ungir, o bispo irá ungir cada um, seguindo a fórmula própria. Schmidt-Lauber, afirma:

Eu te unjo com óleo sagrado em Deus, Pai todo Poderoso, em Jesus Cristo e no Espírito Santo Em seguida o bispo traça em sua testa o sinal da cruz sobre a testa do batizando, a beija e em seguida lhe diz: “O Senhor esteja contigo. E a pessoa que recebeu o Sinal da cruz dirá: E com o teu Espírito. Assim ele deve proceder com cada uma. Em seguida, orarão junto com todo o povo. Porque elas somente poderão orar junto com os crentes quando tiverem recebido tudo isso. Após a oração devem dar-se mutuamente um ósculo da paz.”⁹³

Na tentativa de uma maior decência, a unção feita no corpo inteiro no Sacramento do batismo ocorrerá somente na cabeça (juntamente com o sinal da cruz) no Sacramento da Confirmação pelo bispo. Neste período, afirma Schmidt-Lauber, estes gestos ainda não eram compreendidos na Teologia Sistemática (TA)

⁹¹ SCHMIDT-LAUBER; MEYER-BLANCK Michael; BIERITZ 1972, p. 45.

⁹² SCHMIDT-LAUBER; MEYER-BLANCK Michael; BIERITZ 1972, p. 46.

⁹³ SCHMIDT-LAUBER; MEYER-BLANCK Michael; BIERITZ 1972, p. 46.

como meio para a transmissão do Espírito, esta transmissão ocorria em antecipação, para se alcançar a concepção de Inocêncio I necessitava reconhecer que esta transmissão ocorria e ocorre a partir do ato Episcopal.⁹⁴

No século IV, Schmidt-Lauber afirma, a partir de Cirilo de Alexandria, que na Igreja Oriental, “a unção é exposta detalhadamente. Ela corresponde à descida do Espírito (*epíklesis*) e o *Myron* [óleo] da unção, como o pão da eucaristia, deixam de ser comuns, mas tornaram-se ‘dádiva graciosa de Cristo e presença do Espírito Santo [*pneúmatos hagíou parousías*], instrumento de sua divindade [*tesa utou theóthetos*].” Afirma ainda o autor que também o modo como a Tradição Apostólica avalia a comunicação do Espírito, não distancia deste pensamento, por considerar que “a transmissão e o efeito do Espírito são vistos em conjunto. Uma transmissão única do Espírito, vinculada, exclusivamente, ao ministério de liderança, como em Inocêncio I, porém somente se encontra depois das catequeses de Jerusalém por volta do ano de 400.⁹⁵

A idade para se receber o Sacramento da confirmação foi a partir do século V as crianças lactantes e infantes, o que se modificará na Alta Idade Média, que se exigirá o mínimo de sete anos, considerado os anos de discernimento. Percebe-se uma evolução litúrgica que revela uma maior valorização ao Sacramento da Confirmação, afinal, a partir dele é inaugurada uma vivência cristã superior, que teve início com o Sacramento do Batismo e, partindo das ideias de São Boaventura, o autor afirma:

A graça batismal e a graça da confirmação, são, ambas, graça do perdão (gratiosa *gratum faciens* [a graça que torna agradável (sc. a Deus)]). A graça da confirmação precisa da graça batismal, mas a graça do perdão está mais potente na confirmação.⁹⁶

Assim, o batismo favorece a salvação da pessoa e a confirmação a completa e o prepara para lutar. Os concílios de Lyon e de Florença reafirmam a convicção de que o ministro deste Sacramento é o bispo, mas o concílio de Florência afirma que o efeito deste Sacramento é o de conceder o Espírito Santo, para que o confirmando seja fortalecido para testemunhar a sua fé, como ocorreu em Pentecostes e altera,

⁹⁴ SCHMIDT-LAUBER; MEYER-BLANCK; BIERITZ, 1972, p. 46-47.

⁹⁵ SCHMIDT-LAUBER; MEYER-BLANCK; BIERITZ, 1972, p. 47.

⁹⁶ SÃO BOA VENTURA apud SCHMIDT-LAUBER; MEYER-BLANCK; BIERITZ, 1972, p. 48.

de certo modo, a fórmula para a dispensação do mesmo “eu te persigno com o sinal da cruz e te confirmo com o óleo da salvação em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo”.⁹⁷

Dentro deste contexto de evolução histórica deste Sacramento, se percebe no período da Reforma, a crítica de Lutero ao que ele chama de suplantação do Sacramento do Batismo pelo da Confirmação, rejeitando não a imposição das mãos, mas afirmação de que ela possa conferir a salvação. O autor vê que as críticas de Lutero não fez dele um reformador do Sacramento da confirmação, mas reconhece que as mesmas favoreceram a reflexão e mudanças significativas na celebração do mesmo.⁹⁸ Acerca das ideias luteranas sobre a Confirmação, Schmidt-Lauber, afirma:

A confirmação se desenvolveu no período subsequente a equiparação luterana “confirmatio est admissio” [a confirmação é a admissão] ou a repetida citação “catechesis est confirmatio” [a catequese é a confirmação]. Mesmo que essa formulação tenha se transformado num aforismo.⁹⁹

Refletir o Sacramento da Confirmação no século XIX, é estar diante de um contexto desafiador, na busca por inserir os confirmandos no contexto eclesial, considerando que o processo de industrialização acelerou a migração para os centros urbanos, aumentando o número dos candidatos e com isso o trabalho por inseri-los à vida comunitária, para não crescer aquilo que Schmidt-Lauber chamou de “massas desligadas da igreja”, gerando um período de “calamidade da confirmação”.¹⁰⁰

No século XX, grandes debates acerca da Confirmação aconteceram e Schmidt-Lauber, aponta três níveis defendidos por Stoecker acerca do catecumenato e são eles:

⁹⁷ SCHMIDT-LAUBER; MEYER-BLANCK; BIERITZ, 1972, p. 48-49.

⁹⁸ SCHMIDT-LAUBER; MEYER-BLANCK; BIERITZ, 1972, p. 49-51.

⁹⁹ SCHMIDT-LAUBER; MEYER-BLANCK; BIERITZ, 1972, p. 53.

¹⁰⁰ SCHMIDT-LAUBER; MEYER-BLANCK; BIERITZ, 1972, p. 55.

1) Confirmação como celebração de despedida no final da formação escolar sem confissão, sem o direito de participar da santa ceia; 2) Concessão do direito a participar da santa ceia pela comunidade com base em solicitação voluntário do indivíduo; 3) concessão de direitos comunitários e direito a ser padrinho ou madrinha só após instrução adicional e após confissão de voto.¹⁰¹

Por algum tempo as discussões cessaram e somente após 1918 vieram à tona novamente, o que muito pôde avançar nos esclarecimentos teológicos, promovendo em 1970 uma nova abordagem e uma nova prática sacramental. O ensino aos jovens passou a ser priorizado, melhorado e a confirmação passou a coroar o encerramento deste período formativo.

Analisando a prática recente e atual da Confirmação católica, se percebe o quanto o seu valor foi crescendo a partir do Iluminismo, aborda Schmidt-Lauber e afirma ainda, que “propôs a crisma por ocasião da conclusão da formação escolar aos 14 anos, mediante ensino prévio, porque antes disso as crianças não teriam maturidade suficiente”.¹⁰²

O rito de confirmação católica até o Concílio Vaticano II se baseava na seguinte ação do celebrante, que diz:

N. Marco-te com o sinal da cruz.- enquanto diz isso, faz com o polegar o sinal da cruz na fronte dele; depois prossegue: -E te confirmo com o crisma da salvação. Em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo. – R. Amém. Depois bate-lhe de leve na maxila dizendo. - Paz seja contigo.¹⁰³

A constituição litúrgica do Concílio Vaticano II buscou destacar a ligação do Sacramento da Confirmação com os outros ritos da iniciação cristã e com a Santa Missa, o que causou mudanças no rito, que passou a ser dispensado dentro da celebração da Missa após a renovação das promessas batismais, o que tornará ainda mais eclesial, visto estar na presença da comunidade reunida que testemunhará e orará pela perseverança dos confirmados. “Nesse sentido, sua importância para toda a comunidade local deve se manifestar pelo fato de todos os confirmandos dela serem confirmados em conjunto, com toda a participação de amigos e famílias”.¹⁰⁴

¹⁰¹ STOECKER apud SCHMIDT-LAUBER; MEYER-BLANCK; BIERITZ, 1972, p. 56-57.

¹⁰² TUBINGER JOHANN apud SCHMIDT-LAUBER; MEYER-BLANCK; BIERITZ, 1972, p. 59.

¹⁰³ SCHMIDT-LAUBER; MEYER-BLANCK; BIERITZ, 1972, p. 60.

¹⁰⁴ TUBINGER JOHANN apud SCHMIDT-LAUBER; MEYER-BLANCK; BIERITZ, 1972, p. 60.

Quanto aos padrinhos, o natural seriam que fossem os padrinhos de batismo, mas se isto não for possível, os pais devem escolher os padrinhos das crianças e, no caso de jovens e adultos, eles mesmos farão a sua escolha. Permaneceu o caráter de concessão do Espírito, sendo o bispo o seu celebrante.

2.2 O Sacramento da Confirmação no Catecismo

A necessidade deste Sacramento é reconhecida pelo Catecismo para que a graça recebida no Batismo seja consumada e o vínculo do cristão à Igreja seja mais perfeito, estreito e este tenha uma força especial do Espírito, para ser testemunha fiel da fé professada em Cristo Jesus. (CEC 1285)

Schneider afirma que no Novo Testamento, não é possível identificar um rito para a comunicação do Espírito Santo desvinculado do Batismo, somente de modo aleatório se encontram algumas práticas que resultarão na teologia do Sacramento da Confirmação.¹⁰⁵

O Catecismo recorda que o Antigo Testamento é repleto de profecias messiânicas, que abordavam o derramamento do Espírito Santo, o que é confirmado no Batismo de Jesus e em todas as suas ações, plenas da ação do Divino Espírito. Esta presença do Espírito, manifestada em Jesus, se estende à todo o povo que reconhece seu Senhorio. “O Batismo de Jesus marca o início do seu ministério, aprovado pelo Pai e ungido pelo Espírito. A voz de Deus declara, revelando Jesus como Filho amado, no qual está posto o projeto salvífico do Pai”.¹⁰⁶

A manifestação do Espírito se dá na Páscoa e em Pentecostes, fazendo dos apóstolos homens destemidos e dispostos a darem a vida pelo anúncio do Evangelho, batizando as pessoas e impondo-lhes as mãos, para que recebessem a Graça do Espírito Santo em suas vidas, consumando o Batismo. “A imposição das mãos é com razão reconhecida pela tradição católica como a origem do sacramento da Confirmação que perpetua, de certo modo na Igreja a Graça de Pentecostes”.¹⁰⁷

A comunicação do Espírito pela imposição das mãos dos apóstolos é cumprida pela Igreja, que reconhece em unidade o mandato de Jesus. É na carta

¹⁰⁵ SCHNEIDER, 2020, p. 235.

¹⁰⁶ MARQUES, 2017, p. 45.

¹⁰⁷ CONGREGAÇÃO PARA DOCTRINA DA FÉ. In: PAPA PAULO VI. *Exortação Apostólica Divinae consortium naturae*. Roma: Libreria Editrice Vaticana, 1971.

aos Hebreus que se encontra a base bíblica para a doutrina deste Sacramento: “a doutrina sobre os batismos e a imposição das mãos, a ressurreição dos mortos e o julgamento eterno” (Hb 6,2).

A imposição das mãos é um gesto reconhecido pela tradição católica, cujo efeito, o catecismo afirma, perpetuar o Pentecostes na Igreja. O bispo coloca suas mãos sobre a cabeça do candidato ao Sacramento, como um modo simbólico de transmitir a unção. Sobre a imposição das mãos, Cruz afirma:

A imposição das mãos é um gesto bíblico, particularmente expressivo e também liturgicamente o mais antigo, que indica como o Espírito Santo toma posse do crismando, tornando-o propriedade de Deus. O Espírito Santo descendo sobre aquele que já é filho de Deus pelo Batismo, deixa o sinal indelével da sua presença, confirmando-o plenamente conforme a Cristo. Mas esta descida do Espírito Santo é correspondida por cada pessoa na sua relação recíproca a Deus, para que chegue a plena maturidade da fé e possa cumprir responsabilmente todos os seus próprios deveres, para com Deus e para com o próximo.¹⁰⁸

Bortolini aborda que este gesto está muito presente nas Sagradas Escrituras, tanto no Antigo quanto no Novo Testamento, por exemplo, no livro do Gênesis, quando Jacó impõe suas mãos sobre seus netos para abençoá-los: “Mas Israel estendeu a mão direita e a colocou sobre a cabeça de Efraim, que era o mais novo, e a mão esquerda sobre a cabeça de Manassés, cruzando as mãos embora o mais velho fosse Manassés” (Gn 48,14-15). Moisés impõe as mãos sobre Josué para que ele pudesse assumir o seu lugar na liderança do povo de Deus: “Josué, filho de Num, estava cheio de sabedoria, porquanto Moisés lhes impusera as mãos” (Dt 34,9). Ainda no Antigo Testamento, a imposição das mãos apresenta, além do sinal de Bênção, também sinal de maldição, como relata o livro de Levítico: “Tira fora do acampamento àquele que pronunciou a maldição. Todos aqueles que o ouvirem porão suas mãos sobre a cabeça dele e toda a comunidade o apedrejará” (Lv 24,14).¹⁰⁹

No Novo Testamento, Jesus em diversas situações, impõe as mãos sobre os enfermos e os curavam, abençoava as pessoas que dele se aproximavam, como relata Marcos, “E não podia realizar ali nenhum milagre, a não ser algumas curas de enfermos, impondo-lhes as mãos” (Mc 6,5), também Lucas relata no evangelho, “Ao

¹⁰⁸ CRUZ, 2019, p. 61.

¹⁰⁹ BORTOLINI, 2018, p. 67-68.

pôr do sol, todos os que tinham doentes atingidos de males diversos traziam-nos, e ele, impondo as mãos sobre cada um, curava-os” (Lc 4,40). Também os apóstolos, repetindo os gestos de Jesus, impunham as mãos para curar os doentes, para comunicar o Espírito Santo, sendo obediente a Ordem do Senhor e posteriormente a sua Morte e Ressurreição. O seu gesto continua pelas mãos dos apóstolos, “Pois não tinha descido ainda sobre nenhum deles, mas somente havia sido batizado em nome do Senhor Jesus. Então começaram a impor-lhes as mãos eles recebiam o Espírito Santo” (At 8,17-19).

No parágrafo 1286, o Catecismo afirma que o derramamento do Espírito sobre Jesus sinaliza sua identidade e o cumprimento das profecias acerca da salvação prometida por Deus a toda humanidade. Jesus comunica este derramamento a todo o povo, o que se cumpre no evento da Páscoa e, posteriormente, em Pentecostes, como relata Lucas nos Atos dos Apóstolos, “tanto judeus como prosélitos, cretenses e árabes, nós os ouvimos anunciar em nossas próprias línguas as maravilhas de Deus!” (At 2,11).

Em conclusão, os Evangelhos (principalmente os sinóticos) apresentam Jesus como um homem cheio do Espírito. Jesus é apresentado como o inaugurador da nova era (tempo de graça e da salvação), reunindo em si as diferentes concepções da profecia do Antigo Testamento (profeta, Messias, Servo Sofredor...), as quais têm sua unificação nos conceitos do tempo escatológico e da ação do Espírito prometido (cf. Jl 3,1-2). Tudo isso mostra que Jesus e os evangelistas viram a obra de Jesus como a obra de um homem cheio do Espírito Santo.¹¹⁰

Como já dito, esta comunicação feita por Jesus, é continuada pelos apóstolos aos novos batizados: os apóstolos impõem as mãos e o sacramento do Batismo alcança a sua consumação, que futuramente receberá o nome de Sacramento da Confirmação, cujo efeito perpetua a graça de Pentecostes em quem o recebe. A esta imposição das mãos foi acrescida a unção com óleo, que possui um caro significado ao cristão ungido, afinal o primeiro a ser ungido foi o próprio Jesus, o Cristo (daí a palavra Crisma). Sobre a necessidade de receber este Sacramento, Nabeto, afirma:

¹¹⁰ MARQUES, 2017, p. 53.

Todos os fiéis devem receber o Espírito Santo após o Batismo pela imposição das mãos dos bispos, de modo que possam ser chamados plenamente cristãos, já que quando o Espírito Santo é derramado sobre eles o coração crente é preenchido para a prudência e a firmeza.¹¹¹

Toda esta comunicação do Espírito pela imposição das mãos se dá de modo simbólico, longe de ser relacionado a algum tipo de magia. A Igreja faz uso deste gesto devido ao grande significado bíblico que ele possui. Somado a oração de invocação do Espírito (que sopra onde e como quer) feita pelo ministro celebrante.

Apesar de ser nomeada diferentemente, tanto a Igreja do Ocidente (que o nomeia de Sacramento da Confirmação) quanto à do Oriente (que o chama de Crismação) possui este Sacramento. Para os ocidentais, além de confirmar o Batismo, promove a consolidação da graça batismal.

O Catecismo a partir do parágrafo 1290 até o 1300 se dedica a reflexão dos sinais e do Rito do Sacramento em estudo, identificando distinções no modo de dispensá-los. A Igreja, nos primeiros séculos, realizava em uma única celebração o Batismo e a Confirmação, sendo a presidência da celebração sempre do bispo. Com o crescimento das comunidades paroquiais, na Igreja Oriental estes Sacramentos passam a ser dispensados sem a presença do bispo, pelo fato dele não conseguir atender a grande demanda constantemente crescente de neófitos. (CEC 1290-1300)

A Igreja Ocidental opta por separar estes dois Sacramentos, mantendo o bispo como o celebrante da Confirmação. Considerando que ocorriam duas unções com o óleo do Crisma na realização destes Sacramentos, uma permaneceu durante o Batismo e será feita pelo presbítero, conferindo ao novo neófito os múnus de Cristo de profeta, rei e pastor e a segunda unção transferida para o Sacramento da maturidade cristã realizada pelo bispo.

Schneider atesta que as Sagradas Escrituras traz um único relato em que o Espírito Santo não fora concedido pelo Batismo e Lucas é quem relata este momento. Filipe realizou o Batismo na Samaria, mas somente depois que Pedro e João impuseram as mãos é que o Espírito foi derramado sobre os neófitos.¹¹²

Sobre este evento em Samaria, Marques afirma que no momento que os apóstolos impuseram as mãos e o Espírito foi derramado, àquela comunidade se

¹¹¹PAPA URBANO apud NABETO, 2012, p. 482.

¹¹² SCHMIDT-LAUBER; MEYER-BLANCK; BIERITZ, 2020, p. 235.

tornou reconhecida como Igreja e afirma, ainda: Existe, portanto, uma clara diferença entre o ser “somente” batizado e receber o Espírito Santo.

Alguns estudiosos rejeitam em ver neste texto uma referência ao sacramento da Confirmação. Os exegetas não põem em discussão que no episódio de Samaria tenha sido doado o Espírito Santo com a imposição das mãos, mas discutem se na Igreja primitiva a imposição das mãos fosse um momento constitutivo do itinerário iniciático para significar o dom do Espírito. (O fato é que o dom do Espírito se manifeste antes do Batismo (“Pentecostes dos gentios”: At 10) demonstra a liberdade divina, que com frequência nos Atos precede a iniciativa apostólica).¹¹³

Apesar de oferecer uma base eclesiológica para o Sacramento da Confirmação, Marques afirma que o fato de o Espírito não ter sido derramado naquele momento, levanta muitas questões entre os estudiosos, sendo para alguns consequência da falta de autoridade de Filipe na imposição das mãos, para outros a causa é a imperfeição de fé dos apóstolos e para outros ainda (a mais coerente) é a demonstração da centralidade dos apóstolos e a unidade da Igreja. Também ao narrar à conversão de Cornélio e de sua família, onde o texto lucano vai demonstrar a inclusão dos primeiros gentios a Igreja e a mensagem de que o dom do Espírito e a fé em Jesus estão vinculados, a Igreja não deveria se prender aos limites das fronteiras judaicas, afinal a salvação é para todos. Após pregar aos gentios, uma Igreja é fundada em Antioquia.¹¹⁴

Schneider assegura, ainda, que os apóstolos Pedro e João não viam a comunicação do Espírito desvinculada do Batismo e que este caso foi uma prática diferente, um caso isolado.¹¹⁵ Respondeu-lhes Pedro: “Arrependei-vos e cada um de vós seja batizado em nome de Jesus Cristo para a remissão dos vossos pecados. Então recebereis o dom do Espírito Santo” (At 2,38).

De certo modo este texto de Lucas foi base para compreender o Sacramento da Confirmação, no sentido de se ter um rito próprio para a comunicação do Espírito, sem desconsiderar o texto de Hebreus, que valoriza a imposição das mãos, tão cara neste Sacramento. A presença dos apóstolos, no meio desta nova comunidade cristã da Samaria, garante a unidade da Igreja que deve propagar o evangelho de Jesus à todos.

¹¹³ MARQUES, 2017, p.112-113.

¹¹⁴ MARQUES, 2017, p. 60.

¹¹⁵ SCHMIDT-LAUBER; MEYER-BLANCK; BIERITZ, 2020, p. 235.

Esta distinção na prática litúrgica das Igrejas revela, no modo oriental, uma maior unidade com a forma realizada na iniciação cristã e no modo latino a comunhão com o bispo é mais explicitada, afirma o catecismo no parágrafo 1292.

O Catecismo orienta que ao refletir a celebração deste Sacramento, deve-se considerar a Missa da Quinta Feira Santa como um momento que antecede esta celebração, visto ser nela que o óleo, que deverá ser utilizado para ungir os confirmandos nas diversas paróquias, deverá ser abençoado e consagrado pelo bispo. No Oriente, esta consagração é feita pelo patriarca. (CEC 1297)

Além da imposição das mãos, ocorre a unção com óleo (Crisma), que de certo modo remete a Jesus, o ungido de Deus, logo a unção deriva da palavra Cristo.

O Espírito do Senhor está sobre mim, porque ele me consagrou pela unção para evangelizar os pobres, enviou-me para proclamar a libertação aos presos e aos cegos a recuperação da vista, para restituir a liberdade aos oprimidos e para proclamar um ano de graça do Senhor (Lc 4,18-19).

Na antiguidade, a unção com óleo ocorria após o banho, por ser perfumado, e antes das lutas para facilitar ao lutador escapar-se do seu adversário, o óleo deixava o corpo escorregadio, elástico. Era também utilizado o óleo para ungir os reis e sacerdotes “tomarás o óleo da unção e, derramando-o sobre a cabeça dele, o ungarás” (Ex 29,7) e Jesus recebeu também o título de “O ungido”, “o Salvador esperado”, marcando o seu caráter escatológico. “O espírito do Senhor está sobre mim, porque *lahweh* me ungiu” (Is 61,1).

Esta unção com óleo ocorre ainda hoje e possui nomes distintos, enquanto no Oriente se denomina Crismação, no Ocidente se denomina Confirmação. Trata-se do mesmo rito, possui o mesmo efeito e eficácia, confirmar o Sacramento do Batismo e consolidar a sua graça no cristão. Sobre a composição óleo da unção, Cruz afirma: O santo Crisma é uma mistura de óleo de Oliveira e de bálsamo perfumado, confeccionado e abençoado pelo bispo na quinta-feira santa. Sendo o óleo um símbolo de abundância, alegria e saúde, o crisma de salvação é o sinal da fonte da fecundidade e da vitória.

A unção com óleo traz consigo um sinal muito caro à fé. Por meio dela, se imprime no crismando um selo indelével e que por isto só se crisma uma única vez.

(CEC 1297) Cristo tem o selo do Pai e aqueles que receberam a unção sacramental recebem o selo do Espírito, para servir a Cristo até a sua vinda gloriosa.

O óleo possui grande eficácia (...) Outro tanto Cristo, que é tudo em todos (...) O nome 'óleo' é um símbolo e dele deriva o nome 'Cristo' [, o Ungido] (...) E se estes (=os discípulos de Cristo) foram ungidos e consagrados, no óleo Cristo estava misteriosamente presente, esmagando todo mal (...) O nome 'óleo' é, portanto, símbolo e sombra do nome 'Cristo'¹¹⁶

As Sagradas Escrituras oferecem muitos momentos em que esta unção ocorria naqueles que foram eleitos pelo Senhor, marcando o ungido como alguém que recebera de Deus uma missão e autoridade para desempenhá-la.

A unção, afirma o Catecismo, marca, imprime um selo indelével e espiritual. O óleo sinaliza alegria, abundância e cura, além de purificar e fortalecer aquele que o recebe, ameniza as feridas e revigora o corpo, em força e beleza, daí seu uso nos Sacramentos, pois antes do Batismo, purifica e fortalece o neófito. Na unção dos enfermos, a unção cura e reconforta e após o Batismo, na Confirmação e na Ordenação, sinaliza a consagração da pessoa ungida a Deus.(CEC 1293-1294)

Cantalamezza em seu livro, O canto do Espírito, cita o trecho de uma carta de Atanásio no século III, definindo a unção espiritual, o qual afirma que:

O Espírito é chamado e é unção e selo. (...) Esta unção é o sopro do Filho, de sorte que aquele que possui o Espírito poderá dizer: 'Nós somos o perfume de Cristo'. O selo representa o Cristo, de tal sorte que aquele que é marcado com o selo ganha a forma de Cristo.¹¹⁷

Diz ainda o pregador da Casa Pontifícia que a unção atua em toda a história da salvação. No Antigo testamento como figura, a partir das unções real, profética e sacerdotal, no Novo Testamento como evento Jesus Cristo, ao qual todos os profetas (outras figuras) apontavam, o Ungido por excelência, o Messias e como Sacramento no tempo da Igreja, que pode ser compreendido a partir dos sinais sacramentais, o qual se espera um rito que o complementa ou mesmo um rito principal.

¹¹⁶ NABETO, 2012, p. 483.

¹¹⁷ ATANÁSIO apud CANTALAMEZZA, 1998, p.158.

2.3 JESUS, O UNGIDO DO PAI

Marques observa nas narrativas de Marcos e João que ambos não relatam o nascimento de Jesus, sendo que o primeiro inicia a narrativa de Jesus já adulto e o segundo inicia com um hino, enfatizando a natureza divina de Jesus, “a ‘origem de Jesus é colocada antes da criação do mundo, antes da história humana, pois trata-se da Palavra Eterna do Pai que existe no ‘princípio’ não principiado de Deus”.¹¹⁸

Sobre Lucas (1,35) e Mateus (1,20), Marques afirma que, além de narrarem à infância de Jesus, deixam claro que a concepção de Cristo foi obra do Espírito Santo, sem a participação de um pai humano, em cumprimento a Palavra do Senhor. Assim, desde a concepção, o nascimento e todas as ações realizadas por Jesus sinalizam uma nova era, marcada pelo ressurgimento dos profetas, remetendo a Joao Batista, também a presença dos pastores nas pessoas dos reis magos e, ainda, recorda o hino entoado pelos anjos anunciando o tempo do bem querer de Deus no meio dos homens.¹¹⁹

Bortolini chama atenção para o evangelista João, que omite o relato do batismo de Jesus (diferentemente dos sinóticos) optando por mostrar a presença do Espírito em toda a ação missionária de Jesus e o faz de modo testemunhal como demonstra o seu relato “E João deu testemunho, dizendo: ‘Vi o Espírito descer como uma pomba vinda do céu, e permaneceu sobre ele’”¹²⁰(1Jo 1,32-33).

No evangelho joanino a “origem de Jesus” é colocada antes da criação do mundo, antes da história humana, pois trata-se da Palavra Eterna que existe no “princípio” não principiado de Deus. Em contrapartida, do que nos é relatado pelos Evangelhos de Lucas e Mateus (únicos que trazem o “evangelho da infância” de Jesus), a própria concepção de Jesus se deu por obra do Espírito Santo.¹²¹

João, afirma Bortolini, ao fazer uso do verbo “pousar”, procura demonstrar que a presença do Espírito em Jesus é algo estável e ativo, o conduzindo a cumprir a sua missão, sintetizada em sete sinais no quarto evangelho, considerado o mais teológico dos quatro.

¹¹⁸ MARQUES, 2017, p. 43.

¹¹⁹ MARQUES, 2017, p. 44-45.

¹²⁰ BORTOLINI,1981, p. 71.

¹²¹ MARQUES, 2017, p. 44.

Os sete sinais definidos por João na missão de Jesus diz respeito ao Milagre em Caná (2,1-12), A cura do filho do Funcionário real (4,46-54), a cura do paralítico junto a piscina (5,1-18), a Multiplicação dos pães (6,1-15), o caminhar sobre as águas (6,15-21), a cura do cego de nascença (Jo 9,1-41) e finalmente a ressurreição de Lázaro (Jo 11,1-44).

João busca demonstrar que todos estes sinais foram realizados na condução do Espírito que estava sobre Ele e que a comunicação deste Espírito se dá logo após sua ressurreição, distintamente do que narra São Lucas, cuja comunicação se dará somente em Pentecostes, cinquenta dias após a celebração da Páscoa.¹²²

No relato das aparições de Jesus ressuscitado por Deus, João relata Jesus comunicando o Espírito para os apóstolos, por meio do sopro. Este gesto de Jesus traz à tona o momento em que o homem estava sendo criado, momento que recebeu de Deus o sopro da vida, afirmando a nova Criação, inaugurada em Jesus e formada por seus seguidores. Bortolini ainda assegura ser este o Batismo no Espírito Santo. “Dizendo isso, soprou sobre eles e lhes disse: Recebei o Espírito Santo” (Jo 20,21).

Durante o seu ministério, centrado no enfrentamento do mal, Jesus curava as pessoas de diversas enfermidades e as libertava do poder do demônio, pelo poder do Espírito Santo, Lucas vai definir esta ação como o “dedo de Deus”, o que remete ao Antigo Testamento, em que o poder divino era indicado pelo braço de Deus, pela mão de Deus. Esta relação propõe e revela a missão escatológica de Jesus, o novo Moisés, que veio libertar e salvar o homem da escravidão do pecado, atestando de modo visível a plenitude dos tempos.¹²³

2.4 OS DONS DO ESPÍRITO SANTO

O Catecismo, ao enumerar os efeitos do Sacramento da Confirmação, cita o aprofundamento na filiação divina, na unidade com Deus e com a Igreja e o aumento dos dons do Espírito Santo no confirmado, para que este seja forte e capaz de testemunhar, difundir e defender a fé, tanto pelo anúncio da Palavra quanto por seu

¹²² BORTOLINI, 1981, p. 72.

¹²³ MARQUES, 2017, p. 47.

testemunho de vida. (CEC 1303) Ao escrever aos gálatas, São Paulo afirma que, cheio do Espírito Santo, o cristão pode chamar a Deus de Pai, pois se torna filho no Filho.

Quando, porém, chegou a plenitude do tempo, enviou Deus o seu Filho, nascido de mulher, nascido sob a Lei, para resgatar os que estavam sob a Lei, a fim de que recebêssemos a adoção filial. E porque sois filhos, enviou Deus aos nossos corações o Espírito do seu Filho, que clama Abba, Pai (Gal 4,4-7).

O Espírito age com os seus dons no cristão, movendo a sua vida para que possa dar bons frutos e testemunhar a sua fé de modo autêntico, nas mais diferentes situações da sua vida familiar, social e comunitária.

Bortolini exorta que ao refletir sobre dons do Espírito, requer compreender que a definição pelo número sete, se deve ao simbolismo que este número traz por representar plenitude e totalidade. “Os sete dons (como os sete Sacramentos) pretendem resumir a ação do Espírito Santo nas pessoas”.¹²⁴

O Evangelho de São João exorta que o Espírito Santo não pode ser limitado, ele age livremente. “O vento sopra onde quer e ouves o seu ruído, mas não sabes de onde vem nem para onde vai. Assim acontece com aquele que nasceu do Espírito” (Jo 3,8).

Enumerá-lo não é uma atitude de limitá-lo, mas de reconhecer que sua ação ocorre de modo pleno, sem se prender a lugares, circunstâncias e pessoas. São eles: Sabedoria, Entendimento, Ciência, Conselho, Fortaleza, Piedade e Temor de Deus. (CEC 1845)

Com exceção do dom da Piedade, o texto do profeta Isaías é o texto base para a definição destes dons. “Sobre ele repousará o espírito de *lahweh*, espírito de sabedoria e de inteligência, espírito de conselho e fortaleza, espírito de conhecimento e de temor de *lahweh*: no temor de *lahweh* estará a sua inspiração” (Is 11,2).

O Catecismo afirma sobre esses sete dons que “Em plenitude, pertencem a Cristo, Filho de Davi. Completam e levam à perfeição as virtudes daqueles que o recebem. Tornam os fiéis dóceis para a obedecer prontamente às inspirações divinas”. (CEC 1831)

¹²⁴ BORTOLINI, 2018, p. 77-78.

Lembrem-se que vocês receberam o selo espiritual, o espírito da sabedoria e do entendimento, o espírito do conselho e da fortaleza, o espírito da ciência e da piedade, o espírito do santo temor. Deus Pai selou vocês; Cristo, o Senhor, lhes confirmou e deu o penhor do Espírito em seus corações, como vocês aprenderam com a lição lida do Apóstolo [= 2 Coríntios 1,22].¹²⁵

A presença do Espírito Santo produz na alma humana hábitos sobrenaturais que, juntamente com a graça habitual, aperfeiçoam as suas faculdades, possibilitando ao homem atos sobrenaturais, a partir da graça atual. Falar destes hábitos é estar diante das virtudes e dos dons, cuja diferença fundamental se encontra não no campo de ação ou no objeto material, mas no modo diferente de agir na alma do fiel.¹²⁶

Santo Tomás afirma que a ação de Deus no homem se dá de duas maneiras e Tanquerey as abordam claramente. Sobre o primeiro modo, ele afirma: “Acomodando-se ao modo humano de operar das nossas faculdades: é o que faz nas virtudes, então ajuda-nos a refletir, a procurar os melhores meios, para chegarmos ao nosso fim”.¹²⁷ Para que estas ações tenha um caráter sobrenatural, Deus concede ao homem as graças atuais e o deixa livre para dar o primeiro passo, a partir do exercício da prudência e do uso da razão à luz da fé, conclui Tanquerey.

Sobre o segundo modo de Deus agir, Tanquerey, a partir do ensinamento tomista, assegura ser por vias superiores ao modo humano de operar, tratado anteriormente:

Toma Ele próprio a iniciativa: antes de havermos tido tempo de refletir e consultar as regras da prudência, envia-nos instintos divinos, iluminações e inspirações, que operam em nós, sem deliberação de nossa parte, mas não sem nosso consentimento.¹²⁸

Essa graça, continua Tanquerey, é a graça operante na qual cabe ao homem, mais passivo que ativamente, consentir de modo livre com a ação de Deus e permitir-se ser por Ele conduzido.

A partir desta clareza, é possível compreender a distinção entre as virtudes e os dons: Enquanto as virtudes propõem ao homem e o inclina a agir, conforme a

¹²⁵ NABETO, 2012, p. 484.

¹²⁶ TANQUEREY, Adolphe. *Compêndio de Teologia: Ascética e Mística*. São Paulo: Cultor de Livros, 2017, p. 659.

¹²⁷ AQUINO apud TANQUEREY, 2017, p. 659.

¹²⁸ TANQUEREY, 2017, p. 660.

natureza das suas faculdades humanas, os dons o torna flexível e o possibilita a não somente receber, mas seguir as moções da graça, mas em um ato de liberdade.

Ainda relacionando as virtudes e os dons, Tanquerey, atesta que enquanto nas virtudes se exige do homem atitudes de reflexão, consultas, deliberação e escolha e, assim, é guiado pelas regras da prudência e seus princípios, nos dons, o homem é conduzido pela inspiração divina e este, sem refletir pessoalmente, é levado a realizar aquilo que é a vontade de Deus para ele.

Não há dúvida assim, que a ação seja mais perfeita quando realizada na condução de Deus, a partir da sua graça e dos seus dons, por mais que se esforce o homem em exercitar as virtudes, afinal, é “por influência dos dons é que se pratica o terceiro grau das virtudes e se fazem atos heroicos” em outras palavras Tanquerey, ainda, assegura: “Praticar as virtudes é navegar a remo, usar os dons é navegar a vela”.¹²⁹

2.4.1 Conceito de dom

Ao refletir o conceito de “dom”, se compreende em um aspecto geral, que é toda e qualquer ação de alguém a outro, de modo livre e benevolente, o que significa que aquele que recebe nada deve ao doador, nem mesmo a gratidão, pois tudo partiu de um ato de liberdade. Antônio Royo Marin, afirma:

A exclusão de toda obrigação de justiça ou de gratidão, ou, o que é a mesma coisa, a sua absoluta gratuidade, é de todo necessária para que seja dom. De outra maneira, não se diferenciaria da recompensa ou prêmio. De igual modo, não deve levar consigo a exigência de alguma compensação ou recompensa por parte daquele que o recebe gratuitamente em relação ao seu generoso benfeitor.¹³⁰

José Bortolini buscando o conceitua como presente de Deus por pura Graça dele e nenhum mérito humano, mas o apresenta também como uma qualidade, uma habilidade de cada pessoa e em ambos casos a ação do Espírito Santo é

¹²⁹ TANQUEREY, 2017, p. 660.

¹³⁰ GARDEIL apud MARIN, Royo Antônio. Teologia da Perfeição Cristã. Anápolis: Magnificat, 2020, p. 145.

reconhecida como aquele que os doa gratuitamente e assim o homem é devedora desta generosa ação divina.¹³¹

Refletir sobre os dons de Deus, afirma Marin, é estar diante da terceira pessoa da Trindade, o amor do Pai e do Filho, com o qual Deus ama o homem, obra de suas mãos.

O Espírito Santo é o primeiro dom de Deus, não só enquanto é o Amor in divinis, mas também enquanto está em nós por missão ou envio. Em outras palavras: o Espírito Santo é o primeiro dom de Deus, não só pessoalmente, mas também essencialmente (Is 11, 1-3)¹³²

Nas Sagradas Escrituras, os dons têm o seu fundamento, afinal é por meio da revelação, que se torna possível reconhecer a existência dos dons e a profecia de Isaías, já citada anteriormente, a isso favorece. Ao anunciar a vinda do Salvador, portador de todos estes dons, os quais Tanquerey conceitua “como hábitos sobrenaturais que dão as nossas faculdades tal docilidade que obedecem prontamente às inspirações da graça” e que precisam ser cultivadas, para desenvolver-se no homem de modo pleno. Com o auxílio da graça operante, a alma humana vai recebendo do Espírito a força e a docilidade para as boas obras e o bem servir.¹³³

Um ramo sairá do tronco de Jessé, um rebento brotará de suas raízes. Sobre ele repousará o espírito de lahweh, espírito de sabedoria e inteligência, espírito de conselho e fortaleza, espírito de conhecimento e de temor de lahweh: no temor de lahweh estará a sua inspiração. (Is 11, 4)

Escrito pelos anos 720/710 a. C., tempo que o poder da Assíria crescia e seu domínio avançava progressivamente, como também suas imposições tributais, o que foi no período da reforma religiosa do rei Ezequias desagradado. O trecho acima está neste contexto e sobre isso comenta Bortolini:

¹³¹ BORTOLINI, José. *Os Sete Dons do Espírito Santo*. São Paulo: Paulus, 2006, p. 9

¹³² MARIN, 2020, p. 146.

¹³³ TANQUEREY, 2017, p. 661.

Os primeiros versículos de Isaías 11 falam da ação de Javé. Por intermédio de um descendente de Jessé (o pai de Davi), Deus irá criar uma sociedade nova, livre do domínio estrangeiro, baseada na justiça e na fidelidade ao projeto de Deus. Era o começo do reinado de Ezequias, e esse era, para Isaías, o programa de governo do novo rei.¹³⁴

O objetivo do profeta não se centra no reinado de Ezequias, mas na ação divina por meio dele, que será pelo Espírito conduzido, afinal por meio dos dons do Espírito o bem será concedido a todos, enfatiza Bortolini.

Marin assegura, que este texto de Isaías, refere-se a Jesus e o seu caráter messiânico deixa isto muito claro, porém, tanto a Igreja como os Santos Padres viram também nele uma referência aos fiéis, ao considerarem também o caráter universal da economia da Salvação, afinal aquilo que for comunicável e presente na Cabeça que é Cristo, também estará presente naqueles membros unidos pela graça, logo, os sete dons presentes em Jesus, estão presentes também nos fieis membros da sua Igreja, do seu corpo.¹³⁵

É preciso reconhecer que a doutrina dos dons na Sagrada Escritura apoia-se quase exclusivamente no texto de Isaías. Esse texto, explicado, confirmado e clarificado pelos Santos Padres, pelo Magistério da Igreja e pela elaboração dos teólogos escolásticos, dá-nos um fundamento muito seguro sobre a existência dos dons, não somente em Cristo, mas também em cada um dos cristãos em estado de graça. Há teólogos eminentes que são da opinião que esta dupla existência (em Cristo e em nós) está formalmente revelada na Sagrada Escritura. Os que não se atrevem a dizer tanto reconhecem que se tratam, pelo menos, de uma conclusão certíssima e *proxima fidei*.¹³⁶

Além da presença nas Sagradas Escrituras, Marin destaca que os Santos Padres, tanto os gregos quanto os latinos, falam com frequência sobre os dons do Espírito Santo e que, as vezes, usam nomes distintos para referirem se a eles. “Entre os Padres gregos, destaca-se São Justino, Orígenes, São Cirilo de Alexandria, São Gregório Nazianzeno e Dídimo, o cego de Alexandria” e entre os Padres latinos, se destacam: “a primazia cabe a Santo Agostinho, seguido muito de perto por São Gregório Magno, mas muitas coisas boas sobre os dons, são

¹³⁴ BORTOLINI, 2006, p. 15.

¹³⁵ MARIN, 2020, p. 147-148.

¹³⁶ MARIN, 2020, p. 148-149.

encontrados também em São Vitorino, Santo Hilário, Santo Ambrósio e São Jerônimo”.¹³⁷

Marín aponta distintos modos de classificar os dons do Espírito Santo, apontando os sentidos amplíssimo, impróprio, próprio e os dons do Espírito Santo propriamente ditos, como sendo os principais deles. Como amplíssimo, ele atesta que “são todos aqueles dons de Deus que não incluem aquele primeiro dom que é o próprio Espírito Santo”; como impróprio, “são aqueles dons que, ainda sem incluir necessariamente aquele primeiro dom, nem supor que a alma precise estar em estado de graça e caridade, pertencem, não obstante, a ordem sobrenatural”; já como próprio, “são dons do Espírito Santo todos aqueles que incluem o primeiro grande dom de Deus e supõem que a alma esteja constituída na amizade e na graça de Deus”¹³⁸ e, finalmente, em sentido estrito e formal, se encontram os Sete dons: Sabedoria, Entendimento, Ciência, Conselho, Fortaleza, Piedade e temor de Deus.

Ao buscar no Magistério a temática dos dons, o que a história revela é que somente um concílio, realizado no ano 382, pelo papa São Dâmaso, tratou a questão dos dons, quanto a Trento não é segura a afirmação de que estes foram tema de discussão, mas algumas palavras do concílio tridentino, exorta Marín, demonstram uma alusão a eles (provavelmente porque neste período o tema dos dons era familiar aos Padres conciliares e a Igreja de modo geral) e, sem dúvida, promoveram interpretações distintas.

A esta disposição ou preparação, segue-se a própria justificação, que não é só remissão dos pecados (cn.11), mas também santificação e renovação do homem interior, pela voluntária recepção da graça e dos dons, de onde o homem converte-se de injusto em justo e de inimigo em amigo, para herdeiro segundo a esperança da vida eterna (Tt 3,7)¹³⁹

Na liturgia, continua Marín, a questão dos dons é clara, tanto no Hino *Veni Creator* quanto no Sacramento da confirmação, em que o bispo ao estender as mãos sobre o confirmando, clama o derramamento do Espírito Santo e os seus dons e, de modo muito solene, utiliza o texto de Isaías para aplicá-lo a cada fiel: “Envia do céu sobre eles o teu septiforme Espírito Santo Paráclito: Espírito de sabedoria e de

¹³⁷ MARIN, 2020, p. 149.

¹³⁸ MARIN, 2020, p. 146-147.

¹³⁹ MARIN, 2020, p. 150.

entendimento, Espírito de conselho e fortaleza, Espírito de ciência e de piedade; enche-os com o Espírito de temor de Vós.”¹⁴⁰

Também em outros documentos eclesiásticos, como no Catecismo Romano (de Trento), como também nos catecismos de todo o mundo, os dons do Espírito são tratados como patrimônio de toda a Igreja e na bela encíclica de Leão XIII (*Divinum illud munus*) a importância, a necessidade e eficácia destes dons são considerados muito caros a vida espiritual.¹⁴¹

Acerca dos dons na Escolástica, Marín afirma que a teologia do dons foi elaborada de modo lento, através da história e que na atualidade nenhum teólogo nega a existência dos dons do Espírito Santo, a discussão gira em torno da sua natureza, utilização e funcionamento.¹⁴²

Bortolini exorta que “o dom não pode ser guardado só para si, mas posto a serviço do grande projeto de Deus”.¹⁴³ Jesus possuiu todos os dons de modo pleno e somente ele, mas todos os cristãos, não como Jesus, também os possuem, o que exige de cada um o desejo de colocá-los a serviço do Reino de Deus e dos irmãos, sempre desejos de alcançá-los, a cada dia em maior amplitude, afinal somente com eles é possível à vivência da vontade de Deus.

2.4.2 O número, a natureza e a necessidade dos dons

O número sete é frequente nas Sagradas Escrituras, mas ao analisar o texto de Isaías, observa-se que não se faz menção ao dom da piedade, o que possibilita muitas discussões, visto que os exegetas modernos, entendem o número sete como uma plenitude indeterminada, ou seja “é a plenitude de qualidades de governo, que pertencem ao Messias como rei”,¹⁴⁴ explica Marín:

Devemos falar dos Sete Dons em sentido simbólico, ou seja, tomando o número sete como sinônimo de totalidade, de modo falar dos “Sete Dons” signifique abraçar todos os dons e todas as ações e manifestações do Espírito.¹⁴⁵

¹⁴⁰ MARIN, 2020, p. 151.

¹⁴¹ MARIN, 2020, p. 151

¹⁴² MARIN, 2020, p. 150-151.

¹⁴³ BORTOLINI, 2006, p. 18.

¹⁴⁴ MARIN, 2020, p. 152.

¹⁴⁵ TOUZARD apud BORTOLINI, 2006, p. 12.

Os Santos Padres e os teólogos escolásticos, a partir do número sete, buscam classificar e relacionar os dons com as virtudes infusas, considerando o sete como um número completo e determinado e não como um número indefinido (como é outra proposta de avaliá-lo):

Assim, como os sacramentos são sete, nem mais nem menos, e neles se encerram a plenitude das graças que Deus concede aos homens *ex opere operato*, também os dons do Espírito Santo, sendo sete hábitos distintos, nem mais, nem menos, englobam a plenitude das moções do Espírito Santo, sendo sete hábitos.¹⁴⁶

Outro argumento, para justificar o número sete, é que na tradução da Vulgata (que possui a aceitação da Igreja por não oferecer nenhum erro dogmático), como também “na versão dos setenta, na tradição patrística, nos ensinamentos, consta o dom da piedade, omitido no texto massorético, nos ensinamentos oficiais da Igreja e no sentir unânime dos teólogos escolásticos”. Não se pode esquecer que, para a Igreja, além das Sagradas Escrituras, o Sagrado Magistério e a Sagrada Tradição são também fontes de Revelação.

Bortolini salienta que na época de Jesus era costume comemorar a “festa das semanas”, a qual ocorria durante as sete semanas que sucediam a Páscoa e estava conectada com a colheita de do trigo, em que se ofertava a Deus os primeiros feixes, era conhecida como pentecostes, recordando os cinquenta dias após a Páscoa dos judeus. São Lucas, nos Atos dos Apóstolos, relata o que aconteceu no ano trinta ou trinta três, enquanto esta mesma festa estava sendo celebrada, o modo como, em nome de Jesus, o Pai enviou o Espírito Santo, a fonte de todos os dons, sobre os apóstolos reunidos e não somente a eles, mas também à Maria e às outras pessoas presentes, dando a esta festa um sentido novo.¹⁴⁷

Refletir a natureza dos Dons do Espírito Santo significa estar diante “de hábitos sobrenaturais infundidos por Deus na alma para facilitar o recebimento e apoiar as moções do próprio Espírito”,¹⁴⁸ significa assim, que os dons são conferidos como hábitos permanentes ou habitual, como permanece o Espírito Santo na alma em estado de graça.

¹⁴⁶ ALDA apud MA MARIN, 2020, p. 153.

¹⁴⁷ BORTOLINI, 2006, p. 11-12.

¹⁴⁸ MARIN, 2020, p. 154.

Para os Santos Padres, estes mesmos dons “constituem um grupo específico de graças ou dons habituais. Santo Agostinho e São Gregório o asseguram expressamente ao expor suas doutrinas sobre a conexão dos dons com caridade”. Na visão tomista, os dons “são perfeições que dispõem o homem a seguir bem o impulso do Espírito Santo, assegura, ainda, Marin.

Assim, Marín sistematiza que os dons são infundidos por Deus (e que sem Ele, a alma humana não poderia adquiri-los) na potência da alma (local onde se alojam os dons e se aperfeiçoam as virtudes infusas) “para facilitar o recebimento e apoiar a moção de uma graça atual”.¹⁴⁹ O homem movido pelo Espírito se torna para Ele um instrumento, mas não deixa de perder seu livre arbítrio, logo não é um instrumento qualquer, como um instrumento musical que necessite de alguém para tocá-lo. Assim, “Os dons do Espírito Santo não são hábitos puramente ativos nem puramente passivos, mas passivo-ativos. Com relação a moção divina são hábitos receptivos ou passivos, mas com relação à reação vital da alma são hábitos ativos”.¹⁵⁰

Marín apresenta três necessidades do homem em possuir os dons do Espírito Santo, sendo a primeira necessários para a perfeição, a segunda para a perfeição das virtudes infusas e a terceira para a realização de todos e cada ato bom¹⁵¹.

É indiscutível, que as imperfeições das virtudes não podem ser corrigidas por elas mesmas, mas sim pelos dons, logo se justifica a necessidade destes mesmos dons. Atesta, ainda, Marín que as virtudes infusas, ao serem inseridas na alma humana, rebaixam e degradam, se acomodam, de certo modo, ao psicológico humano, assim não há dúvida de que os atos humanos que dela proverem, serão imperfeitos e, como os dons do Espírito Santo não são vulneráveis a razão do homem, eles podem trazer as virtudes uma atmosfera divina.¹⁵²

Como necessários para a salvação, Marín afirma que os dons do Espírito Santo ajudam as virtudes infusas a vencer as tentações que, constantemente, vem ao homem para afastá-lo de Deus e sobre isto, ele, baseado na teologia tomista, certifica:

¹⁴⁹ MARIN, 2020, p. 155.

¹⁵⁰ MARIN, 2020, p. 156.

¹⁵¹ MARIN, 2020, p. 167.

¹⁵² MARIN, 2020, p. 169.

As virtudes infusas que habitam em nós, não estão em uma natureza sã, mas numa natureza inclinada para o pecado. E ainda que elas, enquanto depender delas mesmas, tenham em si força suficiente para vencer todas as tentações que se lhes oponham, não podem de fato, sem ajuda dos dons, vencer as tentações graves que podem sobrevir inesperada e subitamente em um dado momento. Nestas situações imprevistas, em que a queda ou a resistência é questão de um instante, o homem não pode lançar mão de uma lenta reflexão, pelo trabalho da razão, mas é preciso que se mova rapidamente, como por instinto sobrenatural, isto é, sob a influência e a moção dos dons do Espírito Santo.¹⁵³

Como necessários para os bons atos, Marín, a partir das ideias de Santo Tomás, vai assegurar que sem os dons o nosso conhecimento de Deus e nosso amor a ele são imperfeitos, daí afirmar como necessários a todo ato salutar, ou seja, os atos humanos só serão bons e perfeitos se também forem o conhecimento de Deus e o amor a Ele.¹⁵⁴

Bortoline exorta que os dons devem ser partilhados para o bem de todos e ao partilhar o dom recebido de Deus, o homem se santifica. Sobre esta partilha de dons, as Sagradas Escrituras confirmam esta necessidade com as palavras de Jesus: “Curai os doentes, ressuscitai os mortos, purificai os leprosos, expulsai os doentes” (Mt 10,8) e também de Paulo, por exemplo: “Cada um recebe o dom de manifestar o Espírito para utilidade de todos” (1 Cor 12,7).

Bortolini tratando, ainda, a questão da partilha dos dons apoia-se na comunhão que existe no seio da Trindade e assegura: “Deus Trindade é comunhão que se derrama para as criaturas. Quem reconhece a ação da Trindade na própria vida não tem como não partilhar com os outros”.¹⁵⁵

2.4.3 A classificação dos Dons

Os dons do Espírito Santo podem ser classificados ao se considerar o aspecto da perfeição, as faculdades sobre as quais agem (fazendo a distinção dos dons intelectuais e dos afetivos) e ainda sobre a correspondência com as virtudes para aperfeiçoá-las.¹⁵⁶

¹⁵³ AQUINO apud MARIN, 2020, p. 173.

¹⁵⁴ MARIN, 2020, p. 174.

¹⁵⁵ BORTOLINI, 2006, p.10-11.

¹⁵⁶ TANQUEREY, 2017, p. 665.

Quanto aperfeiçoa, declara Tanquerey, o dom da Sabedoria é superior e o menos perfeito é o dom do Temor de Deus. Quanto as faculdades, os intelectuais iluminam a inteligência e são eles os dons de ciência, de entendimento e de sabedoria, já os afetivos (piedade, a fortaleza e o temor de Deus) fortificam a vontade. Quanto a correspondência dos dons com as virtudes, o dom do conselho aperfeiçoa a prudência, o dom da fortaleza aperfeiçoa a virtude da fortaleza, a piedade aperfeiçoa a religião e a justiça, o dom do temor aperfeiçoa a temperança, o dom de temor está interligado com a esperança, os dons da ciência e do entendimento aperfeiçoam a fé e o dom da sabedoria aperfeiçoa a caridade.¹⁵⁷

2.4.3.1 O dom do conselho

A Palavra “conselho” no hebraico se pronuncia “*etçá*” tem o significado de discernimento, opinião ou ainda de recomendação, juízo. Já no grego se pronuncia “*boulé*” e corresponde a sugestão, projeto, desígnio. No latim significa, por exemplo, razão, sabedoria, prudência, parecer e se pronuncia “*consilium*”.¹⁵⁸

Bortolini conceitua este dom como a capacidade de bem aconselhar o outro, uma verdadeira arte, nem sempre bem utilizado, visto que muitos conselhos incoerentes e errôneos são dados constantemente, o que o leva a concluir que nem todo conselho é um bom conselho, como não foi bom o conselho dado pela serpente a Eva (Gn 3,4-5) e como não foi bom, também, o conselho que Roboão recebeu dos jovens para ser insensível ao clamor do povo pela redução dos impostos (I Rs 12,10-11): Pelo primeiro, o pecado entrou no mundo, pelo segundo, o império construído por Salomão se dividiu. Na tentação sofrida por Jesus, os conselhos do diabo também são confirmações bíblicas de que nem todo conselho é um bom conselho, por não terem como fonte a inspiração divina, por não dizer respeito ao dom do conselho dado pelo Espírito Santo.

O dom do conselho ao aperfeiçoar a virtude da prudência, possibilita ao homem decidir o que deve ser feito, nas mais diversas situações, “o Espírito Santo

¹⁵⁷ TANQUEREY, 2017, p. 666.

¹⁵⁸ BORTOLINI, 2006, p. 38.

fala-nos ao coração e faz-nos compreender num instante o que nos cumpre fazer”.¹⁵⁹

Cruz conceitua este dom como um tesouro para a humanidade cristã, pelo qual Deus fala ao homem em sua intimidade, mas também por meio da vida e do testemunho dos irmãos: “É deveras um dom importante poder encontrar homens e mulheres de fé que, sobretudo nos momentos mais complicados e importantes da nossa vida, nos ajudam a iluminar o nosso coração e a reconhecer a vontade do Senhor”.¹⁶⁰

O objeto próprio deste dom é o bom direcionamento das ações particulares e os princípios gerais para isso, são oferecidos pelos dons da ciência e do entendimento, para que o conselho o aplique segundo a luz do Espírito Santo. Não há dúvida sobre a necessidade deste dom, afinal, afirma Tanquerey:

Para todos é necessário este dom em certos casos mais importantes e difíceis, onde se acha empenhada a nossa salvação e santificação, por exemplo, nas questões de vocação ou de certas ocasiões de pecado que se encontram no mesmo exercício das próprias funções. Como a razão humana é falível e incerta nos seus caminhos, nem pode proceder senão vagarosamente, importa, nos momentos decisivos da nossa vida, receber as luzes deste divino Conselheiro, que em um só relance abraça tudo; e em tempo oportuno nos faz ver com segurança o que devemos fazer em tal ou qual circunstância difícil.¹⁶¹

Tanquerey destaca também a necessidade deste dom aos superiores e sacerdotes, para que saibam conciliar a vida interior e o apostolado e para serem equilibrados ao lidarem com seus subordinados, oferecendo um tratamento justo, sem perderem de vista a sua santificação e a santificação dos demais.

A consciência profunda da sua impotência e busca do auxílio divino é, sem dúvida, o meio de cultivar este dom, sempre atento à voz do Espírito e a sua luz, para tudo discernir sem deixar-se influenciar pelas concepções humanas.

Ele não deixará de nos iluminar deste ou daquele modo, porque se abate aos humildes; sobretudo se tivermos cuidado de o invocar de manhã para todo o dia, no começo das nossas principais ações e especialmente em todos os casos difíceis.¹⁶²

¹⁵⁹ TANQUEREY, 2017, p. 666.

¹⁶⁰ CRUZ, 2019, p.134.

¹⁶¹ TANQUEREY, 2017, p. 667.

¹⁶² TANQUEREY, 2017, p. 668.

2.4.3.2 O dom de piedade

A palavra “piedade” vem do grego “*eusébeia*” (“*eu*” [bem, bom] e “*sebomai*”), significa temor, reverência. Diz respeito o dom da piedade ao respeito devido a Deus e é muito próximo ao dom do Temor de Deus.¹⁶³

Cruz ao falar deste dom o classifica como “o cerne da nossa identidade e da nossa vida cristã”. Lamenta o modo superficial como é compreendido, ao equipará-lo ao ato de ter compaixão por alguém e afirma que o dom de Piedade “indica a nossa pertença a Deus e o nosso vínculo profundo com Ele, um elo que dá sentido à toda a nossa vida e que nos mantém firmes, em comunhão, até nos momentos mais difíceis e atormentados”.¹⁶⁴

Cruz explica ainda que este vínculo não pode ser como algo imposto, uma obrigação, mas sim fruto de uma relação de amizade com Deus, possível graças a Jesus e que enche o coração do fiel de alegria. O dom de Piedade promove o crescimento na relação e comunhão com Deus e com os irmãos e isto é motivo de louvor e gratidão.

Por esta comunhão com os irmãos “seremos impelidos por sentimentos de piedade – não de pietismo! – pelos que estão ao nosso lado e por quantos encontramos todos os dias” e afirma ainda:

O dom da piedade significa ser verdadeiramente capaz de se alegrar com quantos estão alegres, de chorar com quem chora, de estar próximo daquele que está sozinho ou angustiado, de corrigir quantos erram, de consolar quem está aflito, de acolher e socorrer aquele que está em necessidade. Há uma relação muito estreita entre o dom da piedade e a mansidão. A dádiva da piedade, que recebemos do Espírito Santo, torna-nos mansos, tranquilos, pacientes e em paz com Deus, pondo-nos ao serviço do próximo com mansidão.¹⁶⁵

Tanquerey ao abordar a natureza deste dom, afirma que ele nos permite reconhecer em Deus a pessoa de um pai bom e amoroso e não somente um Senhor Soberano. Por meio dele, a alma humana é dilatada no amor e na confiança, sem a perda do respeito e da reverência a Ele devida, ao contrário, é cultivado no fiel “um respeito filial para Deus, que nos leva a adorá-lo com santo ardor”, “um amor terno e

¹⁶³ BORTOLINI, 2006, p. 51.

¹⁶⁴ CRUZ, 2019, p. 138.

¹⁶⁵ CRUZ, 2019, p. 139.

generoso, que nos leva a sacrificar-nos por Deus e pela sua glória” e ainda, “uma obediência afetuosa, que vê nos mandamentos e conselhos a expressão sapientíssima e infinitamente paternal das vontades de Deus sobre nós”.¹⁶⁶

Ainda sobre o cultivo do dom da piedade no homem, Tanquerey assegura que este mesmo sentimento, conduz o fiel a um amor as pessoas e coisas que estão ligadas a Deus e isso significa amar a Maria, os anjos, os santos, a Sagrada Escritura, a Santa Igreja, o Papa (aquele que de modo visível representa Jesus na terra), cientes de que somente com este dom, será possível cumprir os deveres exigidos e propostos pela religião com alegria e respeitosa obediência para com os superiores, de condescendência para com os inferiores, inclusive sendo dóceis com aquelas almas não muito simpáticas.¹⁶⁷

São João Paulo II assegura que o dom da piedade está conectado à pureza, tão trabalhada nos escritos paulinos, de modo a conduzir o homem a viver com a dignidade e respeito devidos ao seu corpo, templo do Espírito Santo:¹⁶⁸

Entre estes dons conhecidos na história da espiritualidade como os sete dons do Espírito Santo (cf. Is 11,2 segundo os Setenta e a Vulgata), o mais congenial à virtude da pureza parece servir o dom da “piedade” (eusebia, *clonum pietatis*) (1). Se a pureza dispõe o homem para “manter o próprio corpo com santidade e respeito”, segundo lemos na primeira Carta aos Tessalonicenses (4,3-5) a piedade, que é dom do Espírito Santo, parece servir de modo particular a pureza, adaptando o sujeito humano àquela dignidade que é própria do corpo humano em virtude do mistério da criação e da redenção.

2.4.3.3 O dom da fortaleza

A palavra fortaleza vem do hebraico *gueburd* e tem o significado de força, poder, energia, autoridade; vem do grego *isqys*, significa também força, vigor e poder e do latim *fortitudo* e designa caráter forte, coragem, constância.¹⁶⁹

Refletir a natureza do dom da fortaleza, é estar diante de um dom que aprimora a virtude da fortaleza, o que possibilita ao homem passar por grandes adversidades sem perder a paz e a alegria, o que não é fruto do esforço humano,

¹⁶⁶ TANQUEREY, 2017, p. 668-669.

¹⁶⁷ TANQUEREY, 2017, p. 670-671.

¹⁶⁸ JOÃO PAULO II, Papa. *Audiência Geral*: 18 de março de 1981.

¹⁶⁹ BORTOLINI, 2006, p. 41.

mas da graça de Deus que, por meio da ação do Espírito Santo, impulsiona a vontade humana a fazer o bem diante das mais diferentes situações.¹⁷⁰

Este dom é de suma importância para que o homem seja capaz de passar por dificuldades como as doenças e a morte, mas é necessário também para possibilitar ao homem operar, ou seja, “empreender sem hesitação nem temor as coisas mais árduas” e a sofrer, no sentido de ter “fortaleza para suportar longas e dolorosas enfermidades, como Santa Ludovina, ou sofrimentos morais, como os que toleram certas almas nas provações passivas”.¹⁷¹

Dom Washington afirmando que o dom da fortaleza nos é necessário, não somente nos momentos de situações adversas particulares, afirma: “Este dom deve constituir o fundamento do nosso ser cristão, na ordinaryidade da nossa vida cotidiana”.¹⁷²

Bortolini destaca das Sagradas Escrituras alguns exemplos de homens e mulheres fortes e dentre estes o rei Davi, “a mais importante autoridade política do Antigo Testamento”, as mulheres Débora (Jz 4-5), Judite, Ester (2 Mac 7). No Novo Testamento os nomes de Jesus, apresentado por Joao Batista, como um homem forte (Mc 1,7) e Paulo, que enxergava em sua fraqueza a sua força (2 Cor 12,7-10).¹⁷³

Buscar a fortaleza em Deus é o modo de cultivá-la, ciente de que sem Ele nada pode o homem fazer, como bem declara, São Paulo “Tudo posso naquele que me fortalece” (Fl 4,13). O fiel deve reconhecer a sua impotência e lançar-se por contínuo esforço para estar em comunhão com Deus, por viver exercitando a paciência e a humildade, mesmo diante de repreensões, suportando tudo sem irritar-se, pois ao alcançar isto nas pequenas coisas e situações não tão grandiosas, estará se preparando para enfrentar as grandes e desafiadoras quando elas surgirem.¹⁷⁴

¹⁷⁰ TANQUEREY, 2017, p. 671.

¹⁷¹ TANQUEREY, 2017, p. 671.

¹⁷² CRUZ, 2019, p. 136.

¹⁷³ BORTOLINI, 2006, p. 43-44.

¹⁷⁴ TANQUEREY, 2017, p. 673.

2.4.3.4 O dom de temor

Temor de Deus em hebraico se pronuncia *yr'at lhwh* e designa reverenciar, prestar culto, ser religioso, ser fiel. No grego significa senso religioso e se diz *fobos Theou*; já em latim, *timor Domini*. Bortolini, como referência bíblica para enfatizar este dom, destaca a história de José e seus irmãos, narrada no capítulo trinta e sete do livro de Gênesis, apontando a atitude dos irmãos de vendê-lo como exemplo de falta de temor e a atitude de José de acolhê-los, posteriormente, como testemunho de fé de alguém que teme a Deus, que em vez de optar pela vingança optou pelo perdão e pelo acolhimento fraterno.¹⁷⁵

O dom do temor nada tem a ver com o ter medo de Deus, afinal, afirma Dom Washington, “sabemos que Deus é Pai e nos ama, quer a nossa salvação e nos perdoa sempre, por isso não há motivo de ter medo dele”, este dom é o dom do Espírito Santo, que faz o homem abandonar-se à bondade de Deus que o ama¹⁷⁶, o temor é assim um “temor referencial e filial que nos leva a ter horror a qualquer ofensa de Deus”.¹⁷⁷

As virtudes da esperança e da temperança são aperfeiçoadas pelo dom do temor, a primeira, “fazendo-nos temer desagradar a Deus e ser dele separado” e a segunda, “desapegando-nos dos falsos prazeres que nos poderiam separar de Deus”.¹⁷⁸ Tanquerey diz ainda, que este dom inclina a vontade do homem ao respeito filial de Deus, ao afastamento do pecado e a espera no auxílio poderoso d’Ele.

Admitindo-se o risco de, em nome de uma relação e amizade com Deus muito familiarizada, o que é uma tentação, este dom recorda o homem da grandeza de Deus e da distância que os separa, para que excessos sejam evitados ao buscar expressar de modo ousado esta relação e, ainda, é útil para auxiliar o homem em suas relações com seus semelhantes, principalmente no trato com aqueles que estão em situações e/ou posições inferiores.¹⁷⁹

Sobre o modo de cultivar este dom, Tanquerey destaca a necessidade de uma constante reflexão sobre a grandeza soberana de Deus e a condição limitada

¹⁷⁵ BORTOLINI, 2006, p. 57.

¹⁷⁶ CRUZ, 2019, p. 140.

¹⁷⁷ TANQUEREY, 2017, p. 673.

¹⁷⁸ TANQUEREY, 2017, p. 673.

¹⁷⁹ TANQUEREY, 2017, p. 674.

do homem, bem como sobre as suas faltas e pecados, para que, reconhecendo-os, possa lutar por corrigi-los, sempre buscando uma maior e perfeita pureza do coração.

2.4.3.5 O dom de ciência

Sobre este dom Tanquerey busca demonstrar sua relação com os três dons intelectuais e afirma que “o dom de ciência nos faz julgar retamente das coisas criadas, na sua relação com Deus; o dom do entendimento, que nos manifesta a harmonia íntima das verdades reveladas; o dom de sapiência, que no-las faz julgar, apreciar e gostar”.¹⁸⁰

Bortolini apresenta a origem da palavra ciência ou conhecimento, que vem do hebraico *da'at* e designa experiência, saber, prudência, habilidade. Vem do grego *gnósis* e do latim *scientia*. O conhecimento aqui tratado independe de saberes acadêmicos e está próximo dos dons da sabedoria e do entendimento.¹⁸¹

Cruz afirma que o dom de ciência não fica limitado ao conhecimento humano, mas possibilita ao homem compreender a grandeza e o amor de Deus em sua profunda relação com o homem, a partir da criação e diz ainda: “Quando são iluminados pelo Espírito, os nossos olhos abrem-se à contemplação de Deus, na beleza da natureza e na grandiosidade do cosmos, levando-nos a descobrir como tudo nos fala d’Ele e do seu amor.”¹⁸²

Esta ciência, quanto a sua natureza, diz respeito a ciência dos Santos, distinta da ciência filosófica e mesmo da teológica. Com este dom, a virtude da fé é aperfeiçoada, possibilitando ao homem “conhecer as coisas criadas nas suas relações com Deus”.¹⁸³ Quanto a identificar o seu objeto, o autor afirma se tratar das coisas criadas, desde que as mesmas conduzam o homem a Deus, “são como degraus para subirmos ao Criador”.¹⁸⁴ Diz ainda que por meio dele o homem aprende a tratar o próximo, tendo em vista a sua salvação.

¹⁸⁰ TANQUEREY, 2017, p. 675.

¹⁸¹ BORTOLINI, 2006, p. 45.

¹⁸² CRUZ, 2019, p. 136.

¹⁸³ TANQUEREY, 2017, p. 675.

¹⁸⁴ TANQUEREY, 2017, p. 676.

Dentre os meios de cultivar este dom, Tanquerey destaca a necessidade da abertura dos olhos da fé ao olhar para as criaturas, buscando centrar na causa primeira que é Deus, renunciando a toda inutilidade e coisas vãs.¹⁸⁵

2.4.3.6 O dom do entendimento (Inteligência)

A palavra inteligência vem do hebraico *biná*, do grego *swnesis* e do latim *intellectus*. Como sinônimos, se encontram inúmeras palavras, dentre elas: talento, prudência, entendimento.¹⁸⁶

O dom do entendimento permite ao homem penetrar de modo intuitivo as verdades reveladas, confirmá-lo na a sua fé e o permite aprofundar e alargar seu conhecimento e os princípios teológicos.

“A fé viva e simples que solicite com humildade a luz divina, para melhor se compreenderem as verdades reveladas” é condição para o cultivo deste dom, assim, penetrar os mistérios de Deus, o que não se limita meramente a um esforço indiferente em estudá-los, afinal, “é preciso amar estas verdades e estudá-las mais com o coração que com o espírito, e sobretudo com humildade”.¹⁸⁷

Sabemos bem que a fé é adesão a Deus no lusco-fusco do mistério; mas é também busca movida pelo desejo de conhecer mais e melhor a verdade revelada. Este impulso interior vem-nos do Espírito, que em conjunto com a fé nos concede precisamente este dom especial de inteligência, quase de intuição da verdade divina.¹⁸⁸

2.4.3.7 O dom da Sabedoria

A palavra sabedoria vem do hebraico *Hokmá*, do grego *sofia* e do latim *sapientia*. Ser sábio não necessariamente significa ser culto. A sabedoria bíblica “é irmã da sensatez e do bom senso, explica Bortolini”. Nesta concepção, “loucura não

¹⁸⁵ TANQUEREY, 2017, p. 674

¹⁸⁶ BORTOLINI, 2006, p. 29.

¹⁸⁷ TANQUEREY, 2017, p. 679.

¹⁸⁸ PAPA JOÃO PAULO II. Os dons do Espírito Santo. Disponível: <https://paroquiasantabertila.wordpress.com/>

é perturbação mental ou psíquica”, mas sim a ausência de bom senso e de sensatez.¹⁸⁹

O dom da sabedoria é a graça dada pelo Espírito Santo para que o homem possa ver todas as coisas com os olhos de Deus. Sobre ele, Cruz, afirma:

Quando estamos em comunhão com o Senhor, é como se o Espírito Santo transfigurasse o nosso coração, levando-o a sentir toda a sua veemência e predileção. Assim, o Espírito Santo torna o cristão ‘sábio’. Mas isto não no sentido que ‘sabe’ de Deus, sabe como Deus age, distingue quando é algo de Deus e quando não é, tem aquela sabedoria neste sentido, tem o gosto e o sabor de Deus.¹⁹⁰

Sobre natureza do dom da sabedoria, Tanquerey assegura que “aperfeiçoa a virtude da caridade e reside juntamente na inteligência e na vontade”, infundindo na alma luz e amor. Recorda o pensamento de São Bernardo sobre este dom, refletindo estes dois elementos importantes: [...] “uma luz que nos ilumina o entendimento e o faz julgar retamente de Deus e das coisas criadas” e, ainda, [...] “um gosto sobrenatural que influi sobre a vontade e lhe faz saborear as coisas divinas por uma espécie de secreta conaturalidade ou simpatia”. O dom da sabedoria é fruto de uma relação íntima do homem com Deus, uma relação de Pai e filho¹⁹¹.

Tanquerey afirma como efeito deste dom o aperfeiçoamento de todas as outras virtudes e o aumento da caridade, assim firma a fé do fiel, confirmando a sua esperança e o ajudando na vivência e exercício das virtudes morais. Exorta, ainda, que não se pode confundi-la com o dom do entendimento, visto que [...] “um é a luz o outro é amor”, [...] eles se complementam reciprocamente, mas sem deixar dúvida de que o dom da sabedoria é o mais perfeito, pois [...] “o coração vai mais longe que o espírito, tem mais penetração e compreende ou adivinha o que a razão não alcança e, nos Santos, sobretudo, há muitas vezes mais amor que conhecimento”.¹⁹²

O modo de cultivar este dom se passa pelo desejo, pela ardente procura e pelo insistente pedido do homem a Deus, início e princípio de tudo, pois sem a sabedoria é difícil ao homem afeiçoar-se, gostar e aprender a saborear as coisas

¹⁸⁹ BORTOLINI, 2006, p. 20.

¹⁹⁰ CRUZ, 2019, p. 131.

¹⁹¹ TANQUEREY, 2017, p. 680.

¹⁹² TANQUEREY, 2017, p. 681.

divinas e todo conhecimento adquirido se não levar ao amor, se não levar a Deus é vão e desprovido de sentido.

Há um conjunto de livros bíblicos que lidam com o tema da sabedoria, a partir da concepção de que ela é o sentido da vida que Deus semeou em cada coisa criada, salienta Bortoline. Este conjunto de livros é conhecido como livros Sapienciais e engloba: “Jó, Provérbios, Cântico dos Cânticos, Eclesiastes, Sabedoria, e Eclesiástico,” além de alguns salmos, como por exemplo, o primeiro.¹⁹³

¹⁹³ BORTOLINI, 2006, p. 20.

3 MATURIDADE DA VIDA PASTORAL

O papa Paulo VI aborda, na Constituição apostólica *Divinae Consortium Naturae*, sobre o sacramento da Confirmação, sobre o modo cuidadoso que o Concílio Vaticano II tratou os Sacramentos da Iniciação, salientando a necessidade de revisar os ritos, de modo que os fiéis pudessem compreendê-los e que tivessem uma ligação coerente com a iniciação cristã.

Agora o nexó, que liga a confirmação com os outros sacramentos do mesmo ciclo, não apenas resulta abertamente do fato de que os ritos são mais bem coordenados entre si, mas surge também dos gestos e palavras deste sacramento “exprimem mais claramente a realidade santa por eles significada, e o povo cristão, o quanto possível, consiga compreender facilmente o sentido e participar com uma celebração plena, ativa e comunitária”.¹⁹⁴

O Espírito Santo que apoiava Jesus é o mesmo que ampara e socorre o fiel em sua missão, o encorajando no testemunho da fé diante dos diversos obstáculos, cumprindo a promessa feita por Jesus aos apóstolos e a toda a sua Igreja: “Eis que enviarei sobre vós o que meu Pai prometeu. Por isso, permaneçei na cidade até serdes revestidos da força do Alto” (Lc 24,49).

3.1 A CELEBRAÇÃO E O RITO DA CONFIRMAÇÃO

Diante grande missão da Igreja de evangelizar, se percebe a importância de bem formar os fiéis para receberem o sacramento da Confirmação, evitando que sua celebração não seja um mero evento social, do qual nenhum fruto é gerado por consequência da falta de consciência sacramental e eclesiológica.

Nocent Scicolone e Brovelli Chupungco atestam que ao se confirmar uma criança, é inquestionável que o efeito do sacramento esteja plenamente presente nela e ao ser colocado em ação estará em total vitalidade, mas este costume não é mais parte do rito latino, visto que a Igreja prioriza a confirmação somente daqueles que atingiram uma idade mínima do uso da razão, para serem antecipadamente

¹⁹⁴ CONSTITUIÇÃO DOGMÁTICA *Divinae Consortium Naturae* sobre o Sacramento da Confirmação: 15 de agosto de 1971.

instruídos. Não é uma regra impossível de ser quebrada, mas uma opção considerada pelos ocidentais mais coerentes:

Na Igreja latina “geralmente” se confere a confirmação na idade de sete anos ou mais. Todavia, as Conferências Episcopais podem adiá-la para idade mais madura. Em caso de perigo de morte, a confirmação pode ser antecipada, até para antes da idade do uso da razão. Sabe-se que certas Conferências Episcopais optaram pelo adiamento da confirmação, até mesmo para cerca dos 18 anos.¹⁹⁵

As crianças que almejam a confirmação devem antes fazer uma catequese e no caso dos adultos ou deverão ser crismados após o batismo e, se já tiverem recebido o batismo quando crianças, deverão frequentar também antecipadamente uma catequese para formação. Em casos que o candidato deseje receber o matrimônio, a orientação é que o matrimônio ocorra por primeiro, para assim não ter nenhum empecilho para que o fiel possa ser confirmado (no caso de uma relação ilegítima estar ocorrendo).

O Código do Direito Canônico dedica dezoito cânones para tratar o Sacramento da Confirmação, destacando a sua eficácia na vida espiritual de quem o recebe, abordando o caráter imposto e a graça da vinculação mais perfeita com a Igreja pelo dom do Espírito Santo, que robustece o confirmando para o testemunho de fé e a obrigatoriedade do anúncio de Jesus pela Palavra e pela vida.¹⁹⁶

Os cânones dedicados a celebração do Sacramento afirmam que a Igreja e a Santa Missa correspondem ao lugar e o momento convenientes para a sua dispensação, mas que um motivo significativo pode tornar qualquer momento e um outro local adequados para sua celebração. O Sacramento é conferido mediante a imposição das mãos e a unção com o óleo do crisma (consagrado pelo Bispo) na frente, acompanhados das palavras prescritas liturgicamente. (CEC 879-881)

Sobre o ministro da Confirmação o documento afirma ser o Bispo (o ministro Ordinário) ou um presbítero (ministro extraordinário) cujo direito se equipare ao direito do bispo diocesano, um presbítero que possua tal faculdade ou que recebeu do bispo a autoridade para fazê-lo. Nabeto cita o posicionamento do Concílio Regional de Toledo I sobre o celebrante do Sacramento da Confirmação:

¹⁹⁵ SCICOLONE, A. Nocent; CHUPUNGO, F. Brovelli. *Os Sacramentos: teologia e história da celebração*. São Paulo: Paulinas, 1989, p.128.

¹⁹⁶ *CÓDIGO DO DIREITO CANÔNICO*. Brasília: Edições CNBB, 2019, Can. 879.

Sem dúvida, é certo que ao bispo é lícito conferir o Crisma em qualquer tempo, mas sem o seu conhecimento não se deve fazer absolutamente nada [nesta matéria]. Fica determinado, além disso, que não o diácono, mas o presbítero confira a crisma na ausência do bispo; se porém, ele estiver presente, só com sua ordem expressa [conferirá].¹⁹⁷

Ainda sobre a prioridade dos bispos de dispensar este Sacramento, Nabeto recorda as palavras do Papa Inocêncio I de Roma:

Que este poder pontifical, ou seja, o de confirmar e infundir o Espírito Paráclito seja reservado só aos bispos demonstra-o não só o costume da Igreja, mas também a passagem dos Atos dos Apóstolos que narra que Pedro e João foram mandados a dar o Espírito Santo aos já batizados (At 8,14-17). Por isso, aos presbíteros que batizam seja na ausência seja presença do bispo, é lícito ungir os batizados com crisma, mas só se este estiver sido sagrado pelo bispo; mas não [é lícito] ungir na frente com o mesmo óleo, que é de competência reservada aos bispos quando comunicam o Espírito Paráclito.¹⁹⁸

Há algumas condições para que outra pessoa, diferente do bispo diocesano, realize tal Sacramento. Seria o caso de um presbítero autorizado pelo bispo diocesano, confirmar alguém saído da infância ou para receber alguém que fora batizado em outra denominação cristã e que deseja assumir a fé católica e também em caso de risco de morte, o pároco do doente ou mesmo outro presbítero pode realizar o Sacramento validamente. (CEC 882-883)

É esperado que o celebrante seja o Bispo diocesano ou por outro bispo a seu pedido, porém se necessário esta faculdade pode ser conferida a um ou a um grupo de presbíteros que dispensarão validamente este Sacramento. O documento prever ainda a possibilidade de que tanto os bispos quanto os presbíteros habilitados para dispensar o Sacramento da Confirmação, confira-os a outros presbíteros, desde que a necessidade tenha o caráter de urgência e grande gravidade. (CEC 884) Marques acerca destes presbíteros autorizados (ou ministros extraordinários) afirma:

¹⁹⁷ NABETO, 2012, p. 484.

¹⁹⁸ NABETO, 2012, p. 484.

Por um indulto geral da Sede Apostólica, com efeito a partir de 1º de janeiro de 1947: a) os párocos com território próprio; b) os vigários paroquiais (cân. 471) e ecônomos (cân. 472) e c) os sacerdotes que possuem de maneira exclusiva e permanente, num território determinado e uma igreja determinada, a plena cura de alma com todos os direitos e deveres paroquiais, obtiveram o poder de administrar pessoalmente o sacramento da confirmação a todos os fiéis que residam em circunscrição, sempre e quando: a) estes se encontrem por enfermidade grave em verdadeiro perigo de morte, de sorte que possa temer seu falecimento, e b) o bispo da diocese não encontre acessível ou esteja legitimamente impedido, ou não haja nenhum outro bispo em comunhão com a Sede Apostólica que possa facilmente substituir o bispo da diocese (confirmação em caso de necessidade).¹⁹⁹

O bispo diocesano deve, obrigatoriamente, aos fiéis que o peçam de modo devido e o presbítero autorizado do mesmo modo, favorecer àqueles que o reivindicam. (CEC 885).

Em seu território, o bispo diocesano pode confirmar outros fiéis, desde que não haja proibição por parte do Ordinário responsável e que este autorize a realização do sacramento aos fiéis interessados. (CEC 886-888) Estas precauções revelam o zelo da Igreja com os Sacramentos impedindo desrespeito com o sagrado.

Acerca dos confirmandos, uma condição básica (não estando em risco de morte) é ter recebido o Sacramento do Batismo e não ter sido ainda confirmado, visto que a Confirmação só se realiza uma única vez. Além de batizado, o confirmando deve ter consciência da importância e eficácia deste Sacramento e deve ser previamente formado, para ser capaz de renovar as promessas do batismo e responder as exigências do mesmo, de anunciar e testemunhar a fé cristã. (CEC 889)

É obrigação dos fiéis buscar a Igreja, se preparar no tempo devido para receber o Sacramento e à Igreja, na pessoa do pároco, cabe acolher e formar esses fiéis no tempo oportuno, a não ser que haja risco de morte ou que o discernimento do ministro o oriente a outra ação. Algumas adaptações poderão ser feitas na celebração o que dependerá do ministro da confirmação.

Deve se ter um caderno específico para o registro dos nomes das pessoas envolvidas no sacramento celebrado: os pais, os padrinhos e madrinhas, o dia e lugar da confirmação além dos confirmados e do celebrante.

¹⁹⁹ MARQUES, 2017, p. 107.

A liturgia da Palavra poderá ser completa ou em parte, seguindo os quesitos da missa ou os textos propostos pelo *Ordo Lectionum missae* para a confirmação. A homilia que deve ser breve, poderá ser mais pessoal ou seguir também o texto proposto, buscando recordar a postura dos apóstolos após o evento de Pentecostes. Scicolone e Chupungco exortam ao cuidado no modo como abordar a imposição das mãos, sugerindo até sua omissão para se evitar o risco de uma compreensão de tomada de posse tanto pelos adultos como pelas crianças no gesto citado. Deve também tratar de modo amplo na homilia os efeitos da confirmação, reconhecer o papel dos carismas e enaltecer o serviço, tendo como modelo de servo o próprio Cristo.

Na renovação das promessas batismais, continuam Scicolone e Chupungco sublinhar a ligação existente entre os Sacramentos do Batismo e da Confirmação, usando as fórmulas propostas para renúncia: “Renunciais a satanás e a todas as suas obras e seduções?” e para a profissão de fé, se considerar a formula prevista no ordo batismal, omitindo a pergunta sobre a fé no Espírito Santo, pois deverá se utilizar: “Credes no Espírito Santo, Senhor e fonte de vida que hoje, pelo Sacramento da Confirmação, vos é dado de modo especial, como aos Apóstolos no dia de Pentecostes?”²⁰⁰

A imposição das mãos, ocorre após um momento de exortação em que a homilia é retomada, anunciando a toda a assembleia que o momento tão caro a fé ocorrerá e que o Espírito Santo será conferido aos confirmandos. O silêncio neste momento tem um papel importante por ajudar na reflexão. O bispo impondo as mãos (ao lado dos padres presentes) reza sozinho uma oração já prevista para o momento.

Scicolone e Chupungco analisam esta expectativa para a imposição das mãos de certo modo como uma contradição, visto que tanto a homilia quanto a Constituição apostólica veem nele o modo de conferir o Espírito Santo ao confirmando, mas a rubrica *Praenotanda* não por apontar a teologia da matéria e da forma.

²⁰⁰ SCICOLONE; CHUPUNGCO, 1989, p. 130.

Ou se trata de uma teologia da matéria e da forma que se faz questão de enfatizar neste ritual da confirmação, separando-a do que foi feito no *Sacramentum Ordinis*, onde a imposição das mãos retornou o seu lugar original; ou quiseram fazer um gesto ecumênico. Sabemos que o “*Concilium ad exsequendam Constitutionem de sacra liturgia*”, lutou, até a sua supressão, para que a imposição das mãos permanecesse rito que fosse parte essencial do sacramento. Seria, pois, injusto imputar-lhe a responsabilidade pelo que foi feito.²⁰¹

Na oração dos fiéis deve conter intenções de oração tanto para os confirmandos quanto para os pais, padrinhos, para a Igreja e para todo o mundo e deve ser concluída com a oração “*Deus qui apostolis tuis Sanctum dedisti Spiritum*” (“O Deus que deu a seus apóstolos o Espírito Santo”).²⁰²

Na liturgia eucarística é significativo que os confirmandos adultos, os pais e padrinhos comunguem nas duas espécies, o símbolo dos apóstolos é omitido por já se ter feito a profissão de fé e a benção final prevista é mais longa.

Quando ocorrida fora da missa, é previsto pelo *Ordo Confirmationis* (confirmação de pedido) que a celebração tenha início com uma saudação do bispo à comunidade reunida “*Praesta, quaesumus, omnipotens et misericors Deus, ut Spiritus Sanctus adveniens*”²⁰³ (“Conceda, nós Te suplicamos, Deus Todo-Poderoso e misericordioso, como o Espírito Santo vem”) e em seguida se faz a celebração da Palavra, se segue o roteiro previsto no Ordo da celebração durante a missa, porém, após a oração de conclusão da oração dos fiéis se reza o Pai Nosso e o encerramento da celebração se dará com uma benção prolixa ou oração super populorum.

3.2 PADRINHOS

Segundo o Código de Direito Canônico, os padrinhos devem motivar o confirmado a viver como verdadeira testemunha de Jesus, buscando cumprir suas obrigações de cristão. A escolha dos padrinhos, como no Sacramento do Batismo, requer também algumas condições, dentre elas:

²⁰¹ SCICOLONE; CHUPUNGCO, 1989, p. 131

²⁰² SCICOLONE; CHUPUNGCO, 1989, p. 133

²⁰³ SCICOLONE; CHUPUNGCO, 1989, p. 134.

- §1º. seja designado pelo próprio crismando ou por quem faz as vezes dele ou, na falta deles, pelo pároco ou ministro, e possua aptidão e intenção de desempenhar esse múnus;
- 2º. Tenha completado dezesseis anos de idade, a não ser que a outra idade tenha sido determinado pelo Bispo diocesano, ou ao pároco ou ao ministro por justa causa pareça dever admitir-se exceção;
- 3º. Seja católico, confirmado e já tenha recebido a Santíssima Eucaristia, e leve uma vida consentânea com a fé e o múnus que vai desempenhar;
- 4º. Não esteja impedido por nenhuma pena canônica legitimamente aplicada ou declarada;
- 5º. Não seja o pai ou a mãe do batizando; (CIC 874)

A escolha dos padrinhos deve ser criteriosa. Eles devem ser pessoas aptas a função, devem ser católicas e terem recebidos os sacramentos da iniciação, além de não apresentar nenhum empecilho canônico.²⁰⁴

3.3 MISSÃO DO CONFIRMADO

Bortolini retrata que, ao receber o Sacramento da Confirmação, a pessoa é inserida na mesma missão de Jesus, o ungido do Pai e torna-se como Cristo portador da missão de profeta, rei e sacerdote. Com este selo do Espírito, o mundo passa a ser o seu espaço para evangelizar, a partir de palavras e de um testemunho autêntico de fé e vida a serviço do Reino.²⁰⁵ Sobre esta ação do Espírito, o catecismo afirma que “O ‘caráter’ aperfeiçoa o sacerdócio comum dos fiéis, recebido no Batismo, e o confirmado recebe o poder de confessar a fé de Cristo publicamente, e como que em virtude de um ofício (*quase ex officio*)”. (CEC 1305)

No sacramento da Confirmação o Espírito nos é oferecido como luz e força, para que a nova vida seja reforçada, seja assumida com decisão e responsabilidade como projeto estável, para que seja testemunhada e doada aos outros. Pela força do Espírito que nos é dado, a missão de Cristo continua agora na nossa vida e na nossa ação. A unção com o óleo consagrado e a imposição das mãos por parte do bispo são o sinal deste “esforço espiritual” e desta nova responsabilidade.²⁰⁶

O campo de missão do confirmado é amplo. Desde o seu ambiente familiar, deve alcançar as realidades social e política, buscando ser luz que ilumina, sal que

²⁰⁴ SCICOLONE; CHUPUNGCO, 1989, p. 128.

²⁰⁵ BORTOLINI, 2018, p. 75.

²⁰⁶ MARQUES, 2017, p. 120

dá sabor à vida, a partir da busca pela promoção da justiça e da paz, o que se passa, sem dúvida, por um encontro pessoal e verdadeiro com Jesus, na condução do Espírito Santo, afinal sem Ele, assegura também o Papa Francisco, nada é possível de justo e verdadeiro o homem realizar.

Sobre a missão do confirmando, Papa Francisco afirma que após renascer para a nova vida, a partir do Batismo, um novo passo precisa ser dado, um passo de conversão e adequação de vida à vida de Jesus, consciente de que sozinho, sem a graça de Deus, nada de bom pode o cristão realizar.

É preciso então comportar-se como filho de Deus, ou seja, conformar-se com Cristo que age na santa Igreja, deixando-se envolver na sua missão do mundo. A isso provê a unção do Espírito Santo: ‘Sem a sua força, nada está no homem (cfr. Sequência de Pentecostes). Sem a força do Espírito Santo, não podemos fazer nada: é o Espírito que nos dá a força para seguir adiante.’²⁰⁷

Ainda acerca da missão com o anúncio do Evangelho, papa Francisco assegura, de modo claro e firme, a missão confiada aos cristãos a partir dos Sacramentos por Jesus:

Se no Batismo é o Espírito Santo a nos emergir em Cristo, na Confirmação é o Cristo a nos encher do seu Espírito, consagrando-nos suas testemunhas, partícipes do mesmo princípio de vida e de missão, segundo o desígnio do Pai Celeste. O testemunho dado pelos confirmados manifesta a recepção do Espírito Santo e a docilidade à sua inspiração criativa.²⁰⁸

O tempo atual é chamado o tempo da Igreja, o qual teve início com a vinda do Espírito Santo sobre os apóstolos e Maria no Cenáculo, tornando-os aptos e dispostos a realizarem a missão a eles confiada por Jesus e hoje aos seus sucessores e a cada fiel, membro da sua Igreja, nascida no dia de Pentecostes.²⁰⁹

O Espírito Santo é o protagonista de toda a missão eclesial.²¹⁰ É por meio desta mesma graça e da força do Espírito Santo que a Igreja anuncia o Evangelho, assegura também São Joao Paulo II, ao refletir a missão da Igreja, que precisa estar munida dos dons e da autoridade do Espírito para assim evangelizar. Sem a força

²⁰⁷ FRANCISCO, Papa. Catequese, 2018 b.

²⁰⁸ FRANCISCO, 2018 b.

²⁰⁹ PAULO II, João. *Carta Encíclica Dominum et Vivificantem*. São Paulo: Paulinas, 1986, p. 37.

²¹⁰ FRANCISCO, Papa. *Audiência Geral*: 30 de outubro de 2019.

do Espírito Santo esta evangelização não é possível e sem um testemunho autêntico de fé, neste mundo marcado pela indiferença e pelo relativismo, também não o é. “É uma força de que tem necessidade sobretudo os pregadores, que devem repropor o Evangelho sem ceder a compromissos e falsas tergiversações, anunciando a verdade de Cristo ‘oportuna e inoportuna’”.²¹¹

O caráter do anúncio é sempre atual e garantido pelo Espírito Santo, o que impede que a pregação seja algo repetitivo, mas para isto o pregador deve estar aberto à moção, com ouvidos sensíveis para ouvi-lo antes de falar aos outros. “Fundamental é, portanto, a contemplação feita de escuta e oração. Se o anunciador não ora, acabará por pregar a si mesmo (cf. 2 Cor 4,5) e as suas conversas reduzir-se-ão a conversas vãs e profanas (cf. 2 Tm 2,16)”.²¹²

Todo anúncio de Jesus deve acontecer em espírito de unidade para ser frutuoso, afinal o Pentecostes aconteceu quando os apóstolos estavam todos reunidos em oração. A missão de evangelizar exige de todo e cada cristão um esforço pela unidade, que Joao Paulo II chama de esforço “concreto e generoso”, em atitude de humildade, prontidão e abertura as inspirações do Espírito que conduziu e conduz a Igreja e cada um de seus filhos.

É grande a necessidade de que cada um assuma a sua missão dentro e fora da Igreja, “como uma comunidade peregrina na história e caminha em e com o mundo até a consumação escatológica”.²¹³

O povo de Deus, movido pela fé com que acredita ser conduzido pela fé com que acredita ser conduzido pelo Espírito do Senhor, o qual enche o universo, esforça-se por discernir nos acontecimentos, nas exigências e aspirações, em que participa juntamente com os homens de hoje, quais são os verdadeiros sinais da presença ou da vontade de Deus.²¹⁴

É plano de Deus a vivência da fraternidade e a abertura a ação do Espírito, muito atuante na história e testemunhada pelas Sagradas Escrituras, de Gênesis a Apocalipse: Em Gênesis, o relato do Espírito que pairava sobre as águas (Gn 1,2), nos livros sapienciais indica o relato do Espírito que enche o mundo com a sua presença (Sb 1,7), nos livros proféticos, aponta o Espírito por meio dos profetas, da

²¹¹ JOÃO PAULO II, Papa. Audiência Geral: 1 de julho de 1998.

²¹² JOÃO PAULO II, 1998.

²¹³ CODINA, 2010, p. 213.

²¹⁴ *CONSTITUIÇÃO PASTORAL Gaudium et Spes: Sobre a Igreja no mundo atual*. Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II. São Paulo: Paulus, 1997, nº.11.

necessidade de renovação do coração (Ez 36,26-27) e da prática da justiça e do direito (2Sam 8,15). No Novo Testamento, a mensagem de Jesus enfatiza o foco da sua missão na libertação dos cativos, no anúncio aos pobres e no reconhecimento de que a eles foi dado conhecer e compreender os mistérios de Deus, manifestados em Jesus que exulta no Espírito (Lc 10,21), Lucas nos livros dos Atos dos Apóstolos descreve as boas ações de Jesus, o Ungido do Pai.

É por ação do Espírito Santo que o povo de Deus é conduzido. No Antigo Testamento na figura da nuvem, “Em todas as etapas, quando a nuvem se se levantava por cima da Habitação, os israelitas punham se em marcha. Mas se a nuvem não se levantava, também eles não marchavam, até que ela se levantasse” (Ex 40,36-37).²¹⁵ Esta atitude de dependência da condução de Deus não deve ser diferente e Jesus mostrou isto com sua vida, sempre agiu conduzido pelo Espírito Santo, quando foi para o deserto e enfrentou a tentação do demônio, quando iniciou a sua missão, ao escolher os seus apóstolos ao encarar o desafio da cruz.

O homem moderno em nome de uma falsa e mesquinha liberdade, tem buscado viver conduzindo a si mesmo, ser o seu próprio guia e Cantalamessa diz, “como o rio que vai abrindo caminho cavando o próprio leito” e os grandes desastres tem sido o resultado desta falta de humildade, do não se reconhecer limitado, dependente da graciosa providência de Deus, de reconhecer-se apto a aconselhar o divino Espírito, em vez de deixar-se ser por ele conduzido. Sobre esta condução do Espírito, Cantalamessa, exorta:

O Espírito Santo dirige a todos, mas não é dirigido por ninguém; guia, mas não é guiado. Existe um modo sutil de sugerir ao Espírito Santo aquilo que deveria fazer conosco e como deveria guiar-nos. Por vezes chegamos até a tomar uma decisão e a atribuímos com desenvoltura ao Espírito Santo.

É preciso uma consciência sacramental amadurecida para compreender que a unção da Crisma se recebe uma única vez, mas seu efeito perdura no tempo e exige uma resposta de fé, pois o cristão é confirmado para ser na Igreja e fora dela, o perfume de Cristo.

²¹⁵ CANTALAMESSA, RANIERO. *O canto do Espírito*. Petrópolis: Vozes, 1998, p. 345.

Ninguém recebe a Confirmação somente para si mesmo, mas para cooperar no crescimento espiritual dos outros. Só assim, abrindo-nos e saindo de nós mesmos para ir ao encontro dos irmãos, podemos realmente crescer e não apenas iludir-nos que o fazemos.²¹⁶

Sobre a missão do confirmado, Papa Francisco salienta: “O testemunho dado pelos confirmados manifesta a recepção do Espírito Santo e a docilidade à sua inspiração criativa”.²¹⁷ Ser dócil ao direcionamento do Espírito é, sem dúvida, a opção eficaz para encontrar sentido e motivação no chamado e no envio do Senhor.

²¹⁶ FRANCISCO, 2018.

²¹⁷ FRANCISCO, Papa. *Catequese*: 23 de maio de 2018.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O esforço acadêmico para a construção deste trabalho demonstrou, mais uma vez, que por mais que se esforce o homem por compreender os mistérios de Deus, ele sempre encontrar-se-á em uma condição marcada pelo limite da razão humana. Os sinais apontados pelos sacramentos demonstram o poderio de Deus que, mesmo tão grande, consegue se revelar na história, a partir dos grandes acontecimentos, mas também na singeleza da água, que no rito batismal sinaliza a graça da purificação da alma, de toda a corrupção do pecado. Na Santa Missa, Se revela por meio do pão e do vinho, que se tornam alimento para a alma, também por meio do óleo da unção (do crisma, da unção dos enfermos e da ordem) que sinaliza ora a cura do corpo, ora a unção para o combate, possibilitando ao homem, pelas graças dos dons espirituais, tornar-se um bom soldado de Cristo, na condição que se encontra.

Não há dúvida, de que a Igreja tem buscado ao longo do tempo formar os seus membros para uma fé madura, esclarecida, mas é também verdade que ainda há muito que se fazer, no sentido de tornar os seus membros conscientes da verdadeira necessidade e eficácia dos Sacramentos, tratados muitas vezes de modo incoerente ou mesmo com certo teor de magia, o que contradiz drasticamente os seus efeitos e o que revela a necessidade de evangelização, tanto dos batizados, quanto daqueles que ainda não foram e que vagam sem rumo certo.

A consciência sacramental é certamente, o caminho para uma transformação não somente na vida eclesial, mas em todo o mundo, pois à medida que todos forem compreendendo o chamado de Deus e dando uma resposta de fé a este chamado, compreenderão também que como o galho não sobrevive desligado do tronco, também o cristão não vive verdadeiramente se não manter-se conectados, unidos a Deus, o que se passa pelos sacramentos.

Assumir a missão de crismado é aceitar ser conduzido pelo Espírito Santo, o qual não se limita aos esquemas e planos humanos, mas que do melhor modo encaminha todas as coisas, como o fez desde a Criação.

Aceitar-se ser conduzido pelo Espírito Santo exige coragem para deixá-lo passar à frente e tomar a direção de tudo; requer renunciar a falsa ideia de liberdade e de autonomia, pois o homem só pode ser livre se estiver em comunhão com o

Senhor e isto é o que os Sacramentos lhe proporcionam: estar em Deus, vivendo a sua Santa Vontade, esclarecido pelas Sagradas Escrituras e alimentado com o seu Corpo e seu Sangue.

Viver o Sacramento da Confirmação, significa ter esta convicção de fé e não se contentar em guardar esta verdade de modo egoísta e mesquinho para si, afinal, encontrar-se com Jesus e estar cheio do Espírito Santo é não se conformar com a realidade marcada pelo mal, pelo pecado, pela injustiça e pela morte, mas ao contrário se trata de estar sempre motivado a se colocar no caminho para levar a todos a Boa Nova da Salvação que tem nome e é Jesus.

REFERÊNCIAS

BELLOSO, Josep M. Rovira. *Os sacramentos: símbolos do Espírito*. São Paulo: Paulinas, 2005, (Coleção sacramentos e sacramentais).

BÍBLIA, de Jerusalém. Nova edição revista e ampliada. São Paulo: Paulus, 2002.

BINGEMER, Maria Clara L. *Deus Trindade: A vida no Coração do Mundo*. 6. ed. São Paulo: Paulinas; Valência, ESP: Siquem, 2019,

BOFF, Leonardo. *Os Sacramentos da Vida e a Vida dos Sacramentos*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1975.

BROWN, Raymond. *Comentário ao Evangelho de São João*. Parte 1. Santo André: Paulus, 2020.

CANTALAMESSA, RANIERO. *O canto do Espírito*. Petrópolis: Vozes, 1998.

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. 3. ed. Petrópolis: Vozes; São Paulo: Paulinas, Loyola, Ave-Maria, 1993.

CONCÍLIO VATICANO II, In: *SACROSSAANCTUN CONCILIUM, Constituição sobre a Sagrada Liturgia (1963)*.

CÓDIGO DO DIREITO CANÔNICO. Brasília: Edições CNBB, 2019.

CODINA, Víctor. *Não extingais o Espírito*. São Paulo: Paulinas, 2010.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL, *Diretório Nacional de Catequese*. São Paulo: Paulinas, 2005.

CONGAR, Yves. *“Ele é o Senhor e dá a vida”*. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 2010.

CONGREGAÇÃO PARA DOCTRINA DA FÉ. In: PAULO VI. *Exortação Apostólica Divinae consortium naturae*. Roma: Libreria Editrice Vaticana, 1971.

CRUZ, Dom Washington. *Creio no Espírito Santo: Meditação sobre a vida no Espírito*. Goiânia: Dicon, 2019.

COMPÊNDIO DO CONCÍLIO VATICANO II. Constituições, Decretos, Declarações. *Constituição Dogmática Lumen Gentium*. 29. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

CONSTITUIÇÃO DOGMÁTICA *Divinae Consortium Naturae sobre o Sacramento da Confirmação*: 15 de agosto de 1971.

CONSTITUIÇÃO DOGMÁTICA LUMEN GENTIUM. Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II. Paulus: São Paulo, 1997.

CONSTITUIÇÃO PASTORAL *Gaudium et Spes: Sobre a Igreja no mundo atual*. Documentos.

ESPEJA, Jesús. *Para compreender: Os Sacramentos*. Coimbra: Gráfica de Coimbra.

FRANCISCO, Papa. *Audiência Geral*: 6 de junho de 2018.

FRANCISCO, Papa. *Catequese*: 23 de maio de 2018.

JOÃO PAULO II, Papa. *Audiência Geral*: 18 de março de 1981.

BORTOLINI, José. *Os Sacramentos em sua vida*. São Paulo: Paulus, 2018.

MARIN, Royo Antônio. *Teologia da Perfeição Cristã*. Anápolis: Magnificat, 2020.

MARQUES, Pe. Mariosan de. *Fundamentos Bíblico-teológicos para o sacramento da Confirmação*. Goiânia: Scala, 2017, p. 36.

NABETO, Carlos Martins. *Coletânea de Sentenças Patrísticas*. Volume Único. 2. ed. São Paulo: Clube de Autores, 2012.

ROPS, Henri-Daniel. *A Igreja dos Apóstolos e dos Mártires*. 5. ed. São Paulo: Quadrante, 1999.

SCHMIDT-LAUBER, Hans Christoph; MEYER-BLANCK, Michael ; BIERITZ, Karl-Heinrich Bieritz . *Manual de Ciência Litúrgica*. São Leopoldo: Sinodal, 1972, p. 4-45.

SCHNEIDER, Theodor (org.). *Manual de Dogmática*. 5. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2020.

SCICOLONE, A. Nocente; CHUPUNGCO, F. Brovelli. *Os Sacramentos: teologia e história da celebração*. São Paulo: Paulinas, 1989.

SESBOÛÉ, Bernard (dir.). *Os Sinais da salvação*. Tomo 3. São Paulo: Loyola, 2. ed. 2013.

TANQUEREY, Adolphe. *Compêndio de Teologia: Ascética e Mística*. São Paulo: Cultor de Livros, 2017.

ZILLES, Urbano. *Os sacramentos da Igreja Católica*. 2. ed. Porto Alegre: EdiPUCRS, 2001.